

NOVAS DA GALIZA

— I PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇÃO CRÍTICA —



“A União Europeia deve investir nos países de origem da imigração, em lugar de explorar essas pessoas dentro dos seus próprios estados”

Mohamed Azibou, gerente de um bar em Compostela, de origem marroquina

PÁGINA 13



Radiografia da imigração no país emigrante

DUPLICA-SE A POPULAÇÃO ESTRANGEIRA NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS

O fenómeno da imigração tem vindo a aumentar. Paradoxalmente, as estatísticas do país europeu que continua a emigrar em pleno século XXI começam a notar a presença, cada vez maior, de pessoas que fogem das consequências do processo globalizador que está a intensificar as diferenças entre Norte e Sul.

A Galiza recebe apenas 2% da imigração estatal, sendo espanhola 60% da mesma. Porém, nos últimos anos, alcançou já 5% da população total galega, e no ano 2000 o número de imigrantes provindos de fora do Estado superou a imigração interestatal pela primeira vez.

Apesar disso, a administração autonómica gerida pelo governo popular andou sempre mais preocupada com a implementação de políticas de inserção cujos destinatários eram os emigrantes retornados. Agora, o novo executivo integrou a anterior Conselheria na Secretaria

Geral da Emigração, que já começou a trabalhar. No entanto, as eivas das novas políticas em andamento são notáveis, desatendendo os problemas da língua de integração, da substituição, ou mesmo do colectivo de 'sem papéis', que nem sequer é tido em conta. / Pág. 10



Os e as detidas antes da conferência de imprensa após a sua libertação

Ataque ao movimento associativo, ataque às liberdades

Dous membros da equipa deste jornal, Alexandre Fernandes Ramos e Miguel Garcia Nogales, eram detidos no passado dia 14 de Novembro numha espectacular batida da Guarda Civil contra a organização juvenil AMI (Assembleia da Mocidade Independentista). Os problemas laborais causados a estes dous jovens poderam ser enormes e, apesar de terem sido libertados sem acusações, ninguém espera que venham a ser indemnizados. Com a sua detenção, desapareceu também material do NOVAS DA GALIZA, entre o qual se pode incluir um dos computadores em que era maquetado, adiando a saída à rua deste número vários dias. É só um exemplo de como a arbitrária detenção de dez jovens independentistas, acusados sem provas de delitos tam genéricos como 'associação ilícita', 'exaltação do terrorismo', 'injúrias à bandeira espanhola e à monarquia' ou 'danos', afectou, de passagem, um amplo movimento social em que todas e todos eles estavam

implicados, ao lado de muitas outras pessoas das mais diversas cores políticas. Este foi, de facto, um dos principais objectivos da operação: a 'criminalização' dos movimentos políticos e sociais alternativos, como assim foi denunciado por numerosos colectivos em defesa das liberdades cívicas como Ceivar, o Movimento polos Direitos Cívicos ou Escolca.

A operação, porém, despertou umha enorme solidariedade anti-repressiva, vinda de agrupamentos e famílias políticas diversas, que foi imprescindível para paliar os efeitos das notícias publicadas pola imprensa diária, carentes do mais mínimo rigor informativo. Um jornal compostelano destacava posteriormente à libertação dos jovens o "ridículo" feito pola Audiência Nacional. Que este organismo se comporta como um tribunal de excepção é sobejamente conhecido. O ridículo, estrepitoso, fizérom-no, nesta ocasião, muitos meios de comunicação e alguns políticos. / Pág. 4

E AINDA...



ESTATUTO galego terá de esperar à sucessão de Manuel Fraga e ao fim da tempestade catalá / 7

CONTINUÍSMO E MUDANÇA nos orçamentos do bipartido / 05

SINISTRALIDADE LABORAL AUMENTA / 06

BASES DEMOCRÁTICAS GALEGAS reactivam-se perante o debate estatutário / 05

Quando dizes afectivo-sexual, o que dizes e o que nom contas? por Beatriz Santos / 3

A nova 'Espanha plural' nom pom em questom a monarquia bourbónica

Da esquerda à direita, a coroa espanhola é um dos assuntos sobre os quais ninguém quer discutir / 14



Olhares das aforas

ANA MIRANDA



A MUDANÇA POLÍTICA TORNA NECESSÁRIAS MENSAGENS DE NOVA CRIAÇÃO DEMOCRÁTICA, DE RUPTURA DEFINITIVA DO MODELO ANTERIOR, SEM CONCESSOM, SEM PAUSA. TAMBÉM NA DIÁSPORA. PORQUE DEVEMOS RACHAR COM OS TÓPICOS DA GALIZA EMIGRANTE, NEM TUDO É A GALIZA IDEAL NEM MÍTICA QUE DEFENDIA LUÍS SEOANE, NEM EXISTEM SÓ PAÍSES DOS ANAOS COMO DESCREVIA CELSO EMÍLIO. HOJE EXISTE UMHA GALIZA EXTERIOR VIVA, COM POTENCIALIDADES, DECEPÇÕES E SURPRESAS

Sábado dia 19. Thalys Paris-Bruxelas. Volta dos actos de apresentação da Candidatura do Património Imaterial Galego-Português à UNESCO. Penso na gente que fijo este projecto e no esperado dia 25, de reconhecimento universal da nossa cultura anónima. Hora e meia para umha distância de quase 300 kms. As comunicações conti-

nua a ser umha das eivas que fam com que a Galiza ainda nom seja um país moderno. Pois para fazer país, para fazer euro-região, o transporte é importantíssimo, para unir as vidas da gente em todas as facetas, e nom só as mercadorias. As nossas potencialidades tam ligadas a factores externos.

Observei no metro parisiense algunha gente com caras de ver-

gonha; pintadas como "vive les arabes!", que outrora seriam eliminadas, permanecem nas carruagens. Assim como se fala de multiculturalismo, poderia falar-se de multi-racismo. Ignorou-se a discriminação, esqueceram o diálogo, a incorporação na sociedade de boa parte do seu futuro. Os moços franceses dos 'banlieus' reclamam direitos, mas sobretudo justiça para todos, justiça na igualdade de oportunidades. Umha geração de filhos franceses da imigração sem sonhos, nem projectos, nem identidade. Umha mocidade sem palavra, desesperada. Veremos se os poderes públicos franceses assumem esta eiva e passam ou nom da repressão à política. Para muitos cairá o mito da França da liberdade. Terá que voltar a reencontrarse, recriar-se, terá que voltar a reinventar o respeito mútuo e a participação democrática. Fará falta, em definitivo, umha nova cultura de reinstalação do humano.

Penso de novo no meu país.

Estou no meu país, ainda que vaia neste comboio da chaira europeia. Porque a Galiza nom acaba nas fronteiras administrativas. A mudança política torna necessárias mensagens de nova criação democrática, de ruptura definitiva do modelo anterior, sem concessom, sem pausa. Também na diáspora. Acabo de poder ver mais umha vez mais o potencial humano, cultural, da nossa presença em Paris. Igual que em Bruxelas, em Genebra, em Montevidéu, Buenos Aires, Nova Iorque, Barcelona... Porque devemos rachar com os tópicos da Galiza emigrante, nem tudo é a Galiza ideal nem mítica que defendia Luís Seoane, nem existem só países dos anaos como descrevia Celso Emilio Ferreiro. Hoje existe umha Galiza exterior viva, com potencialidades, também com misérias, também com decepções e doces surpresas. Igual que no interior, mas com a vantagem da comparação e da interculturalida-

de. A Galiza exterior nom é feita polas subvenções que recebem os centros galegos do mundo, mas pola gente, vontades individuais e colectivas que fam um País com maiúscula, que pretendem assumir reptos de presença, de confluência com entidades e movimentos nas sociedades em que residem. Penso nos novos galegos, novas dinâmicas na nossa rígida sociedade. Porque as diásporas som transformadoras, ágeis. Nom caímos na armadilha perversa de nom incorporarmos na nossa sociedade estes novos cidadãos. Tampouco de pensar que toda a emigração é conservadora. Nom menos que o resto. Porque se alguém pensa que nós nom somos a Galiza está também a realizar umha discriminação. Simplemente somos gente das aforas, galegas e galegos que também queremos ajudar a fazer um país novo.

Ana Miranda, porta-voz do BNG em Bruxelas através de *Galeusca* e da *Aliança Livre Europeia (ALE)*

O PELOURINHO DO NOVAS



Se tens algunha crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejas transmitir-nos algunha inquietação ou mesmo algunha opinião sobre qualquer artigo aparecido no NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverão ser originais e nom poderam exceder as 30 linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, NOVAS DA GALIZA reserva-se o direito de publicar estas colaborações, como também de resumí-las ou extractá-las quando se considerar oportuno. Também poderam ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antissociais intoleráveis.
Endereço: peLOURINHO@NOVASGZ.COM

BNG REINTEGRACIONISTA

Leio no Portal Galego da Língua que o BNG vai apresentar umha emenda conjunta ao texto de reforma do Estatuto Valenciano a fim de preservar a unidade da língua catalá. A reforma do Estatuto da 'Comunidade' pactuada polo PP e o PSOE inclui o termo "idioma valenciano" para referir-se à variedade falada no antigo reino de Valência. O Bloco Nacionalista Galego, com muito bom critério, apresenta umha emenda de eliminação do termo em questom para nom dar apoio jurídico à pretensom de "umha segregação linguística contrária a qualquer critério científico". Tudo bem. Mas esse mesmo Bloco Nacionalista Galego mantém, defende e apoia essa mesma segregação linguística "contrária a qualquer critério científico" no caso da nossa língua. Assim, por exemplo, em Maio de 2004, apresentou umha

proposiçom nom de lei - na altura aprovada por unanimidade - para que o Governo espanhol fizesse as gestons precisas para reconhecer o galego como "língua oficial na União Europeia". Camilo Nogueira nom se cansa de repetir que o galego, com nome de português, já é oficial na U.E.; mas parece que o ex-deputado nom tem muito predicamento no seu grupo. A pergunta que nos fazemos os votantes do BNG é: Porque o BNG defende para o catalán o que nom assume para o galego?

Emílio Ribas (Redondela)

PARIS: A REVOLTA DOS OUTROS

Estes últimos dias estivem a esquadrinhar a imprensa comercial e independente na Internet, à procura de informação sobre os acontecimentos nos arrabaldes franceses e o único que conseguimos foi a confirmação de como umha ou duas ou,

no máximo, três versos sobre um mesmo facto parecem repetir-se até nom poder mais.

As clássicas explicações e respostas de umha esquerda com ideias de direita: marginalidade por causa da pobreza ou aplicação de planos sociais para conter o descontentamento, som inúteis para interpretarmos a origem, magnitude e incontinência de umha explosom social liderada por jovens pobres filhos de imigrantes. "Está complicado porque é umha 'paragem cardíaca' de todos os analistas franceses, que estupidamente nom sabem que fazer nem que dizer. O único que adoptou umha postura clara foi Le Pen, e isso tomase perigoso", comenta Carlos Ramírez Powell, correspondente de PORLALIBRE no México e director de Radio Universidad de Guadalajara.

O líder da ultra-direitista Frente Nacional francesa, Jean-Marie Le Pen, acabou de dizer que estas som "as premissas de umha guerra civil" e essa também parece ser a leitura das autoridades galas, que chegarom a decretar o toque de recolher.

Em 1968, aponta Ramírez

Powell, "aquando dos motins de negros em Watts, surgiu a oportunidade de Richard Nixon de ganhar sob a plataforma de 'Lei e Ordem'. Num ponto de inflexom como este, ou limpas a casa o a convertes numha prisom, que foi o que aconteceu nos EUA".

Mas cá nom só se trata de "negros", mas também de mao-de-obra muçulmana, que com 5 milhões, apenas na França, dobram a população de Paris, o que revela mais umha vez o fracasso das políticas migratórias desenhadas por governos ocidentais para contrarestar nos seus países os efeitos "indesejáveis" mas inevitáveis da implementação do seu próprio selvajismo económico e cultural no resto do mundo.

De maneira diferente à Europa histórica, que observa pasmada a irrupçom das massas e reclama dos seus governantes o rápido restabelecimento de umha fictícia normalidade, "os outros", de tanto perder, evidentemente já perdêrom até o medo.

Paulina Castro Cerruti (Chile)

Quando dizes afectivo-sexual, o que dizes e o que nom contas?

BEATRIZ SANTOS

A Direcção Geral de Juventude e o Pelouro da Educação compostelano vam colaborar na criação de umha, assim denominada, unidade afectivo-sexual.

Deixando de parte o inadequado de umha iniciativa que parte de Juventude e se situa em Compostela (marginalizando as pessoas nom jovens e nom compostelanas), este artigo centra-se na formulagom 'afectivo-sexual'. Supom-se que, em democracia, as formulagoms nom devem ser vazias nem carentes de conteúdo.

O que há, pois, por detrás da formulagom 'afectivo-sexual'? Em sexologia coincide-se amplamente em que as cousas devem ser chamadas polo seu nome. Certas maquilhagens normativo-estratégicas ('afectivo' cumpriria essa funçom) confundem mais do que ajudam a entender.

A estas alturas -em pleno século XXI- ainda parece que se continua a pensar no sexual como sujo, ilegítimo, indigno de ser nomeado só, tabu ou como diria Foucault, falar para nom falar, para relegar ao segredo.

Em 1970 um comissário de polícia, perante um pedido de autorizagom para a realizagom de umhas jornadas de Educaçom Sexual, para salvar a censura propunha o título: Jornadas Nacionais de Educaçom Familiar, Afectiva e Psico-Sexuais.

Anos mais tarde, na década de 90, o labor de maquilhagem do sexual viria da mao da LOGSE do PSOE, que apresentara umha das suas disciplinas transversais (que atravessam, atravessam até chegar a terra de ninguém) com o nome de afectivo-sexual. As más línguas da Sexologia dizem que a denominaçom vinha da mao dos e das psicólogas do

Ministério da Educaçom, que ao parecer eram muitas. Construírom umha formulagom à sua medida profissional, evitando assim a entrada no âmbito educativo dos e das sexólogas. Quem melhor para a assessoria no campo da afectividade que profissionais da psicologia? E o sexual...? Por detrás de tudo isto intui-se, entre outros debates, o eterno confronto entre sexologia e modelo médico, ao qual a psicologia, mais mal do que bem, aderiu sem demasiadas formulagoms.

Há algumha razom por aí mais simples e mais triste para qualquer sexóloga que se preze: utilizar como sinónimos relaçom sexual e relaçom coital. Deste modo, dá-se a entender que em toda a relaçom erótica haveria duas partes: os beijos, carantonhas, abraços... (o afectivo) e o coito = cópula (o sexual). Esta (des)focagem implica a fragmentaçom do corpo e identifica o sexual com a genitalidade.

Desta maneira alimenta-se continuamente a perpetuagom dos papéis eróticos, a heterossexualidade obrigatória, a eterna identificaçom do contraceptivo-anticonceptivo com o sexual, a sobrevalorizaçom genital e a cópula, a tendência do modelo médico a patologizar-nos de todo...

Umha Unidade Afectivo-Sexual complementar dos Centros de Orientaçom Familiar, como propom Rubén Cela, está próxima da formulagom do comissário franquista.

E é que o nom querer chamar as cousas polo seu nome esconde questoms de fundo nom meramente lingüísticas, ao tempo que evita fazer o que corresponderia. E talvez proceda perguntar: "é que nom podes, é que nom sabes ou é que perdeste as habilidades?".

NOVAS DA GALIZA

EDITORIA
MINHO MEDIA S.L.

DIRECTOR
Carlos Barros G.

REDACTORA-CHEFA
Marta Salgueiro

CONSELHO DE REDAÇÃO
Alonso Vidal, Antom Santos, Iván Garcia, Xiana Árias, Sole Rei, F. Marinho, Natália Gonçalves, Gerardo Uz

DESENHO GRÁFICO E MAQUETAÇÃO
Miguel Garcia, C.Barros, A. Vidal, X. Árias

INTERNACIONAL
Duarte Ferrin
Nuno Gomes (Portugal)
Jon Etxeandia (País Basco)
Juanjo Garcia (Países Cataláns)

COLABORAÇÕES
Maurício Castro, Inácio Gomes, Davide Loimil, X. Carlos Ansia, Santiago Alba, Daniel Salgado, Kiko Neves, J.R. Pichel, R. Pinheiro, Joseba Irazola, Asier Rodrigues, Carlos Taibo, Ignacio Ramonet, Ramón Chao, Germán Hermida, Celso A. Cáccamo, João Avelado, Jorge Paços, Adela Figueroa, João Peres, Pedro Alonso, Alexandre Fernandes, Joana Pinto, Miguel Burros

FOTOGRAFIA
Arquivo NGZ
Natália Gonçalves

HUMOR GRÁFICO
Suso Sanmartín, Pepe Carreiro, Pestinho+1, Xosé Lois Hermo, Gonzalo Vilas, Farruquinho, Aduaneiros sem fronteiras, Xosé Manuel

CORREÇÃO LINGÜÍSTICA
Eduardo Sanches Maragoto

IMAGEM CORPORATIVA
Miguel Garcia

FICHO DA EDIÇÃO: 15/11/05

As opinions expressas nos artigos nom representam necessariamente a posiçom do periódico. Os artigos som de livre reproduçom respeitando a ortografia e citando procedência. A informaçom continua periodicamente no sítio web www.novasgz.com e no portal www.galizalive.org

DUAS GALIZAS



Para umha sociedade que assiste maioritariamente sossegada à deportaçom e assassinato de congéneres na fronteira com Marrocos nom pode existir umha 'questom política' ao redor da imigraçom. Haverá, como muito, mais umha versom televisiva de afastados dramas sociais que digerimos à hora de ceiar enquanto reforçamos a ilusom da nossa segurança ocidental inflada e inconsciente. Para quem ainda confia em tingir de solidária esta minguada democracia de mercado, a preocupaçom assistencial causará grandes desvelos e, se calhar, a promessa de mais fundos e 'algumhas regularizaçoms' podem acalmar impotências e carragens.

Porém, o desenho estabelecido é demasiado sólido como para alimentarmos a ideia de novas perspectivas. Assenta num pacto de ferro institucional e mediático em favor da exclusom e infiltraçom, sem contratempos excessivos, polos interstícios de umha sociedade que reage perante a incerteza pedindo mais polícia, novos muros e a ampliaçom inabacável do consumo.

A Galiza, alimentada por umha inércia secular e umha auto-complacência inigualável, continua a enviar milhares de pessoas para o estrangeiro para outras latitudes aproveitarem a qualificaçom sem precedentes ganha pola nossa juventude. No entanto, outro país subterrâneo toma corpo per-

te a passividade da maioria e a palavra oca dos políticos. Na ilegalidade mais absoluta, e enchendo os bolsos das máfias, os novos galegos dos andaimes, as oficinas clandestinas, o serviço doméstico ou o emprego ocasional sobrevivem como podem longe de qualquer direito cívico; ao pé, a imigraçom legalizada trabalha onde ninguém quer para suster os níveis de bem-estar de umha sociedade que rui pola irrupçom imparável de novas formas de precariedade.

Se nom queremos fossos 'insalváveis' entre as duas Galizas, se ainda acreditamos que é possível erguer umha naçom a partir deste mosaico em construçom, cumpriria recuperarmos apressadamente aquelas obviedades que a política mais grosseira tem substituído por um assistencialismo enganador: a extensom da igualdade de direitos para todos, sem exclusom, como mínima garantia de comunicaçom e convívio; a imersom idiomática em galego como garantia de verdadeiro respeito mútuo e integraçom social; a perseguiçom implacável da escravatura laboral que, com formas diversas, encadeia a classe trabalhadora de origem estrangeira. Quando isto ocupar a agenda dos movimentos sociais galegos em lugar de destaque, um dos principais reptos emancipadores da Galiza do século XXI será, por fim, abordado com garantias de sucesso.

PEPE CARREIRO

E SEN FOTO DE MANUEL FERROL



NOTÍCIAS

Independentistas em liberdade sem acusações dois dias depois da espectacular jornada repressiva

TRÊS CENTROS SOCIAIS ASSALTADOS NUMHA APARATOSA OPERAÇÃO ORDENADA POLA AUDIÊNCIA NACIONAL

REDACÇÃO / Dez detenções em quatro cidades, numerosas inspecções domiciliare, e a irrupção em três locais sociais som o saldo da denominada Operação Castinheira. A intensa jornada repressiva do dia 14 de Novembro despertou grande alarme social e concluiu com a libertação sem acusações das dez pessoas detidas no terceiro dia de cativério. A intervenção ordenada polo juiz da Audiência Nacional Santiago Pedraz, somada ao papel dos meios de comunicação que justificáram a envergadura do operativo, situáram na mira criminalizadora a organização juvenil independentista AMI, os centros sociais e os movimentos auto-

organizados e rupturistas em geral. No entanto, a dureza do golpe repressivo foi respondida rapidamente através de numerosas mostras de solidariedade e repulsa por parte de colectivos e pessoas de diversa índole, que juntáram as suas vozes para denunciar umha "montagem policial, política e mediática", segundo Ceivar, que pretende a "criminalização e satanização de todo o tecido associativo seja qual for a sua cor", conforme recolhe o comunicado de urgência emitido no próprio dia 14 polos colectivos alojados no centro social compostelano 'O Pichel', entre os quais se encontra este jornal.

REDACÇÃO / M. Álvares, Joám Bagaria Frá, Maria Bagaria Frá, Alexandre Fernandes Ramos, Antom Garcia Matos, Miguel Garcia Nogales, Paulo Martearena, Hadriám Mosqueira, Maria Osório e José Viana fõrom detidos e detidas no passado dia 14 sob a acusação de formarem parte de umha suposta 'associação ilícita' responsável por ultrajes a diferentes autoridades espanholas, exaltam do terrorismo, desordens públicas e danos, entre outros delitos nom concretizados nem provados. As e os militantes independentistas recebiam a Guarda Civil nas suas casas ou centros de trabalho, onde se produziãrom intensas inspecções que se prolongãrom durante todo o dia. Neles, o instituto armado arrestou material propagandístico, documentos, bens pessoais, computadores, exposições, apontamentos e mesmo dinheiro das pessoas detidas e dos locais sociais, segundo denunciam testemunhas daquilo que consideram um assalto. Entre os objectos confiscados encontra-se diverso material pertencente ao Novas da Galiza, publicação que também se viu afectada polo operativo da Audiência Nacional. Também, o sítio de rede da AMI (www.ami-galiza.org) foi intervindo durante a rusga do dia 14, enquanto o portal galizalivre.org ficou impedido para a publicação de notícias durante dous dias.

As detenções realizãrom-se buscando gerar o maior alarme possível, cortando o trânsito de várias ruas durante horas e mostrando agentes encapuzados e armados às portas dos imóveis, para além de cans em alguns casos. A espectacularidade da jornada reflectiu-se também na encenação da saída de pessoas detidas dos locais sociais assaltados, aos quais fõrom enviadas depois da sua detenção, imagens que vinculavam a denunciada 'criminalização' destas pessoas com a 'satanização' dos novos espaços autogeridos, sendo emiti-

das pelas televisões.

Segundo pudo saber Novas da Galiza, nesta operação participãrom mais de umha centena de efectivos da Brigada Antiterrorista da Guarda Civil, enviados expressamente para a ocasião. A aparatividade e desproporção da intervenção policial embateu com a decisão final do juiz Santiago Pedraz: o mesmo que ordenou a jornada repressiva acabou pondo em liberdade sem acusações as dez pessoas, que se negãrom a declarar, após um depoimento em que o próprio fiscal Ignacio Gordillo impediu a sua entrada em prisom, negando a competência da Audiência Nacional neste caso e solicitando a sua transferência para um organismo judicial galego.

Desde as detenções de membros do EGPGC nom se tinha produzido umha operação contra o independentismo desta envergadura. Se bem que existam antecedentes como a detenção de três dirigentes da AMI em 2002, o ope-



Guarda Civil controla a porta do Centro Social O Pichel em Compostela

Múltiplas mostras de solidariedade

As manifestações de repulsa polos factos acontecidos sucedêrom-se nos dias de cativério e depois da libertação, atingindo importantes quotas sociais quanto à representatividade dos colectivos e pessoas solidárias. Realizãrom-se concentrações convocadas por Ceivar em várias cidades do País, destacando a de Compostela, que reuniu meio milhar de pessoas numha manifestação que incluiu um corte de trânsito e juntou sectores muito diversos numha mesma reivindicação. O organismo anti-repressivo Ceivar, Arredemo, NÓS-UP e o Movimento polos Direitos Civis (MpDC) fõrom os primeiros a responder publicamente, expressando a sua preocupação, denunciando a 'montagem' e questionando a excepcionalidade do operativo da Guarda Civil. Por sua parte, o BNG

posicionava-se ambiguamente mostrando respeito pola acção da justiça mas opondo-se à "aparatividade da acção" que poderia servir para "dar publicidade a expressões políticas residuais". De diferente maneira, Francisco Rodríguez apresentava umha pergunta parlamentar no Congresso dos Deputados em que tornava manifestação a sensação de que as detenções se produziãrom com "evidentes conotações ideológico-políticas". Também rejeitãrom claramente os sucessos a CIG, Galiza Nova de Vigo, Vale Minhor e Compostela, os Comitês Abertos de Estudantes, Briga, Adiante, PCPG, FPG, a Casa Encantada, Rádio Kalimera, Indymedia Galiza, a Associação Aguilhoar da Limia, AGAL, Burla Negra, Cineclub de Compostela, Erva,

Federação Anarquista Galega, Colectivo Antifascista O Piloto, Mulheres Nacionalistas Galegas (MNG), MDL, Escuela, A Treu, a banda musical Skárnio, Siareir@s Galeg@s, Segi de Euskal Herria e Maulets dos Países Cataláns, segundo tivemos conhecimento no fecho desta edição.

Miguel de Lira surpreendia o público assistente à entrega do Prémio Cineuropa (entre o qual se encontrava Sánchez Bugallo) aludindo um filme "de terroristas" que tinha sido rodado em Compostela, com encapuzados e cans e que, depois de ter concluído, só podia acabar com a volta dos protagonistas -as pessoas detidas- a casa. Perante esta intervenção, o público aplaudiu com intensidade enquanto os vereadores do PP abandonavam a sala.

rativo da Guarda Civil que recentemente processava seis líderes de Briga por acusações semelhantes às actuais ou a entrada em prisom de Ugio e Xiana, entre outros casos, esta intervenção da Audiência Nacional constituiu um salto qualitativo na intensidade repressiva das autoridades espanholas contra o independentismo e os movimentos sociais, agudizando os processos judiciais abertos contra a juventude em particular. A rocambolesca irrupção da Audiência Nacional nas condições em que se produziu provocou, no entanto, umha resposta solidária aglutinante e rápida, inédita no que diz respeito à repressom sobre independentistas.

A cozinha mediática

No dia das detenções, as edições digitais dos jornais apressavam-se a reproduzir os ditados da Guarda Civil legitimando unanimemente a operação contra a "trama radical independentista" e obviando a pressunção de inocência. Logo surgírom as declarações de Fraga Iribarne, Pérez Tourinho ou Sánchez Bugallo aprovando o operativo, e as edições dos jornais no dia 15, que sentenciavam a militância juvenil vinculando-a, no caso de El Correo Gallego, com a própria ETA no manchete da capa. Paradoxalmente, o periódico compostelano mostrava-se confuso no dia a seguir, citando "filtrações" policiais a criticar o processo por temer "que logo saiam em liberdade", causando "estupefacção nos círculos policiais e da Guarda Civil", anunciando na manhã do dia 16 a libertação que se produziria ao meio-dia. A frustrada operação contra o independentismo reproduzia-se, completando a teatralidade mediática, com um manchete de capa antagónico no dia 17, no qual Galicia Hoxe, do mesmo capital que El Correo Gallego intitulava: "A Audiência Nacional fai o ridículo com a liberdade sem acusações dos dez independentistas".



Anxo Quintana na Comissom de Economía para explicar os orçamentos do seu departamento para o 2006 / XOÁN CRESPO

Orçamentos do bipartido: entre o continuísmo e a mudança

REDACÇOM / As grandes linhas marcadas polos novos orçamentos da Junta, aprovados no passado mês de Outubro, seguem fielmente as linhas caracterizadoras da açom de governo que o PSOE tem aplicado desde a sua chegada ao poder em Madrid, e como tal recebêrom um apoio quase unânime dos grupos de pressom que apoiam a gestom de Zapatero e Touriño. CCOO e UGT e o presidente do patronato secundárom no nosso país o pacote de investimentos apresentados publicamente polo conselheiro da Economía, José Manuel Fernández.

A grande preocupação polo incremento de umha produtividade muito fraca e afastada dos desejados padrons europeus está por detras da política da Junta da Galiza: daí o aumento do gasto educativo e em I+D, como já tanto tinha insistido o conselheiro do BBVA e assessor do PSOE em matéria económica, Miguel Sansebastián. Esta pretensom enquadra-se no processo de 'modernizaçom' do sistema educativo, nomeadamente o superior, recolhido no processo de Bolonha, e na aproximaçom de um modelo organizativo de ensino de âmbito continental. Se bem que o gasto em I+D da Junta seja inferior ao do governo central, temos que lem-

brar que Madrid incluí nas suas verbas generosas ajudas à inovaçom das tecnologias militares.

Também se regista um esforço notável no gasto sanitário, com especial mençom à atençom primária e ao aumento de vagas residenciais para a terceira idade. Ambas as medidas respondem à ampla procura social que o governo bipartido quer ter em conta. Contudo, nom convém passar por alto que a maior parte deste investimento vai destinado ao gasto farmacêutico, algo que constitui umha carga muito gravosa para o deficitário tesouro público da Junta da Galiza. A maioria dos economistas consultados sobre este tema veem com preocupação crescente o endividamento da Junta, ao qual só se poderia dar soluçom se se registasse um aumento real do investimento produtivo.

Porventura, a maior mostra de mudança exhibe-se no terreno simbólico: o novo governo decidiu eliminar a Lei de Acompanhamento, que acolhia subvençoms e convénios, que nunca saíam à luz pública, com que o PP tecia a sua rede clientelar. Afora destes propósitos, o continuísmo ocupa um lugar privilegiado: no que diz respeito às grandes infra-estruturas, a Conselheria da Política Territorial continua a açambarcar grande

parte do gasto. Ainda que a maior parte dos investimentos estavam já comprometidos pola velha administraçom, o certo é que o consenso em favor do 'desenvolvimentismo' das autovias e da alta velocidade rodoviária é a nota dominante. As reclamaçoms do patronato galego fôrom sempre na direçom de garantir o cumprimento das obras projectadas. Tampouco se detectam novidades de relevo quanto ao gasto de pessoal, desmentindo-se a cacarejada pretensom de 'austeridade' apreçada nos primeiros dias de governo: neste terreno, o gasto ainda aumenta face à etapa do PP em 7%, umha prova palpável de nom ter desaparecido a administraçom paralela.

Finalmente, e no que constituiu a única crítica explícita das centrais sindicais maioritárias aos novos orçamentos, salienta o grande peso concedido aos impostos indirectos e a carga conseguinte às economias domésticas mais frágeis. Nom acontece, neste sentido, nada de diferente ao que caracteriza a Europa do neoliberalismo: progressivo relaxamento nas cargas fiscais às rendas do capital, pondo-se em causa a progressividade impositiva com o aumento das cargas ao consumo. Na Galiza, quase 60% das famílias confessam nom chegar com facilidade ao fim do mês.

Reactivam-se as Bases Democráticas Galegas

REDACÇOM / Várias reunions realizadas em Vigo entre alguns dos promotores e activistas do projecto resolvêrom reactivar a iniciativa das Bases Democráticas Galegas, praticamente inactivas durante os últimos meses. A necessidade de umha intervençom conjunta em prol da autodeterminaçom na actual conjuntura política, caracterizada pola desmobilizaçom e o consenso quase unânime a favor dos estatutos, levou esta plataforma a desenhar umha campanha prolongada no tempo que será tornada pública nos próximos meses. Perante a iminência da reforma estatutária no nosso país, as BDG, definidas como umha 'iniciativa nom partidária nem sectária a favor da autodeterminaçom e dos direitos democráticos' voltarám a difundir a sua tabela de mínimos, com a vontade de recuperarem a presença nas ruas do País.

Denunciam venda irregular de armas na fábrica corunhesa de Santa Bárbara

REDACÇOM / O comité de empresa da fábrica de armas da Corunha, Santa Bárbara, denunciou no passado dia 10 de Novembro a possibilidade de que se esteja a dar uma situaçom de venda irregular de armas. "Até o momento sabemos que está a desaparecer armamento dos armazéns de Santa Bárbara" sem existirem documentos que confirmem "o que se está a vender ou a quem se está a vender", advertem. Deste modo é impossível saber se as armas vam parar a um país democrático ou se a finalidade é de "gerar conflitos" em lugar de "manter a paz". Exigem que o Estado espanhol cesse na sua negligência e recupere o controlo sobre as exportaçoms de armamento que havia quando a empresa era pública

CRONOLOGIA

◆ 10.10.05

Língua. Educaçom assegura 50% das aulas em galego em 2006.

Roberto Vidal Bolanho. Compostela homenageia o dramaturgo galego.

◆ 12.10.05

Rejeiçom da bandeira. 150 pessoas denunciam a imposiçom de umha bandeira espanhola no Orçám por Francisco Vázquez. A Polícia detém umha pessoa e fere quatro.

Contra Fadesa. Vizinhos e vizinhas do Pinho mobilizam-se contra Fadesa polos preços especulativos que pom às suas terras.

◆ 15.10.05

Mocidade. Segundo o CJE, a precariedade é a causa de que a juventude galega seja a que mais tempo tarda no Estado em independizar-se.

Sobre-exploraçom. Segundo a Eurostat, os assalariados e assalariadas da CAG tenhem as jornadas laborais mais prolongadas da UE com 1.656 horas anuais por pessoa.

A Volta dos Nove. Centenas de pessoas homenageiam no Vale Minhor os nove vizinhos assassinados pola Falange em 1936.

◆ 16.10.05

Língua. A Associaçom de Escritores em Língua Galega (AELG) e a Associaçom de Escritores Portugueses apostam numha relaçom "nom mediatizada pola cultura espanhola que nos impom o filtro de Madrid".

Demografia. Colégios e liceus da CAG perdem mais de 30.000 estudantes desde 2001.

◆ 18.10.05

Arriva. Multinacional britânica negocea com os trabalhadores e as trabalhadoras após 20 jornadas de greve e a destruicão de parte dos veículos.

Ence. A papelreira utiliza lodos marinhos para fomentar o cresci-





mento do pinheiro no País.

◆ 19.10.05

Fala Ceive. A associação berciana exige à administração da CAG medidas reais para a promoção do galego na comarca.

Prisons. 4.254 pessoas estão presas em cárceres situados na CAG.

◆ 20.10.05

Orçamento estatal. Aprovado pelo BNG após ter obtido 30 milhões mais para a CAG.

Juventude. Interior alargará a presença policial em escolas e liceus.

◆ 22.10.05

Produção. Cinco cidades concentram 41% da actividade económica.

◆ 24.10.05

Salários institucionais. Presidente e vice-presidente da CAG recebem 81.451 e 76.459 € anuais. Um conselheiro/a, 67.073 € por ano.

◆ 25.10.05

Turistificação. Doze colectivos denunciam projecto de hotéis e pistas de esqui em Pena Trevinca.

Cidade da Cultura. Bipartido anuncia "suspensão temporária" das obras.

Repressom. Fiscalía pede um ano de prisão para o secretário geral da CIG por "caluniar" a juíza Rocío González e a fiscal Susana Alzueta.

◆ 26.10.05

Minicentraís. Ambiente paralisa 37 projectos nos rios galegos.

◆ 27.10.05

Auditoria. Bipartido realizará auditoria autonómica de 2004 e 2005.

Caixanova. Ganho neto de 75.2 milhões no 3º trimestre, que aumenta em 17.1% a respeito de 2004.

◆ 29.10.05

Minicentraís. Desfiguram multídom de rios e apenas produzem 2.5% da energia da CAG.

◆ 30.10.05

Grupo Caixa Galicia. Ganho neto até Setembro de 140.1 milhões.

◆ 01.11.05

Imigração. Segundo a DGP, 43.197 trabalhadoras e trabalhadores estrangeiros em espanhóis residem legalmente na CAG.

Aumenta número de acidentes laborais, especialmente na construção

REDACÇOM / Até o mês de Novembro, o número de mortes em sinistros laborais cresceu na Galiza 9,3% a respeito do ano anterior. Neste período contabilizáram-se 40.166 acidentes, nos quais resultaram feridos de gravidade mais de oitocentos trabalhadores e trabalhadoras, enquanto o número de sinistros leves anda por volta dos 40.000.

No passado mês de Outubro falecia um operário nas obras da piscina de Foz, enquanto outro companheiro ficou ferido, o mesmo dia em que a insegurança laboral provocava outro ferido grave em Riba d'Eu, ao cair de umha altura superior a 10 metros. Em Ourense, um trabalhador de Aquagest sofreu um acidente que o feriu de gravidade no passado dia 7, ao cair para umha fossa na depuradora de águas. A CIG manifestou que o incremento da sinistralidade e os sucessos recentes "demonstram umha falta de sensibilidade do empresariado no momento de aplicar a normativa sobre prevenção de riscos laborais", e acusáram o patronato de priorizar o benefício sobre a saúde dos trabalhadores. Em protesto polo acidente de Ourense, o sindicato nacionalista convocou umha



O incremento da sinistralidade "demonstra falta de sensibilidade ao aplicar a normativa sobre prevenção de risco"

concentração no dia 9 de Novembro perante a sede de Aquagest na cidade.

Os mortos no viaduto de Granada trabalhavam para umha empresa vinculada ao PP

A empresa Estrutura e Montagens de Pré-fabricados S.A. tinha sido subcontratada para realizar parte das obras do viaduto sobre o rio Verde para a autovia do Mediterrâneo, na província espanhola de Granada. No acidente do passado dia 6 de Novembro faleciam seis trabalhadores, cinco portugueses e o galego de 24 anos Eduardo Ayuso, que le-

va um mês a trabalhar para a empresa do Grupo Pontes, com sede em Sigüeiro.

O porta-voz e secretário geral de Estruturas e Montagens, Tomás Pérez Vidal, foi presidente do parlamento autonómico entre 1986 e 1990, ocupando posteriormente a responsabilidade da Conselheria da Agricultura e um mandato no senado, entre outros cargos de responsabilidade com o PP. Em várias ocasiões, o BNG denunciou a concessão de obras infra-estruturais a empresas relacionadas com Pérez Vidal, como as obras da estrada entre Ourense e Portugal.

O Grupo Pontes, no qual está integrada a citada empresa, nasceu em 1977 após a construção da ponte de Rande, encarregada a um grupo de companhias que depois conformariam umha associação empresarial.

As dúvidas sobre as origens do acidente cresceram depois de um vizinho de Almuñécar, a localidade do sucesso, ter encontrado documentação com relatórios destruídos sobre a licitação da obra num contentor do lixo. Segundo esta testemunha ocular, duas pessoas que chegaram à zona num carro, desfizeram-se rapidamente dos papéis depois do acidente.

Nunca Mais aposta na prevenção

REDACÇOM / Três anos após a tragédia, Nunca Mais voltou a convocar os galegos e galegas para saírem à rua no Dia da Dignidade, 13 de Novembro. Desta vez apostando "na prevenção", para nunca mais vir a acontecer um outro Prestige.

Secundáram a convocatória por volta de 15.000 pessoas, testemunhando que ainda não foi esquecida a maré negra e que se deve agir para paliar umas seqüelas que apenas agora parecem perceptíveis, já não à vista, como as rochas enegrecidas de Mogia ou Laje, mas na biodiversidade e na economia.

Nunca Mais centra-se em reclamar agora ao governo que reflecta nos orçamentos o alegado apoio que dá aos sectores mais afectados, avançar na regeneração ambiental e investir para reduzir o risco de novos acidentes. Segundo o colectivo ainda fica bastante por fazer antes de "passar página" quanto ao que implicou o Prestige para o nosso país.

Português poderá chegar ao ensino secundário

REDACÇOM / A resposta da Conselheria da Educação ao deputado nacionalista Manuel Parga, segundo a qual a Junta fará os possíveis para incorporar o português como segunda língua estrangeira no ensino secundário, foi saudada com expectativa no movimento normalizador. Manuel Parga, que tinha feito umha pergunta nesse sentido no dia 16 de Novembro na Comissão de Educação e Cultura do Parlamento, valorizou positivamente o anúncio da directora geral de Ordenação e Inovação Educativa, María Xosé Pérez Mariño, ainda que considerando que não devia esperar-se à procura dos centros para a implantação da nova disciplina de Língua, Literatura e Cultura portuguesas, pois a administração "deve dar a possibilidade aos centros de oferecerem" esta matéria.

O Movimento em Defesa da Língua (MDL) foi o primeiro colectivo a parabenizar a iniciativa, confiando que não fique "numha simples declaração de intenções". Este grupo tem desenvolvido umha intensa actividade ao redor desta histórica reivindicação do movimento normalizador que mesmo tinha chegado ao parlamento através da deputada nacionalista Pilar García Negro.

Touriño diz que Camilo Nogueira "nom falava galego"

A 17 de Novembro Pérez Touriño converteu-se na terceira pessoa a falar galego no Parlamento europeu, embora num acto meramente simbólico. Porém, o presidente da Junta nom gostou nadinha desta terceira discreta posição e revelou que o seu predecessor, Camilo Nogueira, nom tinha falado galego, porque "falava português".

Procuram pontos de encontro na comarca eu-naviega

REDACÇOM / A Universidade de Vigo organizou em Riba d'Eu, do dia 28 ao 30 de Outubro, a 1ª Escola Fermim Penzol, sobre a situação do galego sob administração asturiana. Umha das novidades da iniciativa é a busca de achegas ao asturianismo. Junto a Carlos Callón, Marisol López ou Carlos Varela Aenlle, académico da RAG do Eu-Návia, estiveram o escritor Xuan Bello, o responsável de Política Lingüística da Comunidade Asturiana, Ramón d'Andrés, ou os filólogos Xulio Viejo e Xosé Nel Comba. Recusaram-se a participar as associações Xeira (que nega a galegidade dessas falas) e a Xunta Pola Defensa de la Língua (semelhante à Mesa, com militância de diversas posturas sobre a zona). A Escola instou o governo vizinho ao reconhecimento oficial de galego e asturiano, e fijo um chamamento ao diálogo entre ambos os movimentos lingüísticos.

Estatuto galego haverá de esperar polo sucessor de Manuel Fraga no PPdG

REDAÇÃO / "Galiza é a minha mãe, Espanha o meu pai". Assim de claro deixava Manuel Fraga a sua posição para a elaboração de um novo estatuto para o País. Anunciou a criação de uma comissão do PP para fazer uma proposta própria de reforma de Estatuto. Se o termo não aparecer como denominação para a Galiza, o PP não participará na reforma. O PSOE insiste em que não haja condições prévias para a proposta parlamentar.



Dependendo de quem seja o sucessor de Manuel Fraga, o PP decidirá se participa ou não na proposta parlamentar

O confronto aberto que o líder 'popular' Mariano Rajoy mantém com as nações e os seus parlamentos chega à Galiza quando o processo ainda não foi iniciado, com os dirigentes do PP galego mergulhados numa luta pelo poder, com um PSdG seguindo as directrizes de Madrid e a ordem expressa de Zapatero de não deitar mais pólvora galega à bomba estatutária da Catalunha e com um BNG num beco sem saída, ao lhe pôr o muro do consenso ao processo de reforma.

O debate sobre o Estatuto está a dar-se sob os ritmos que marca o governo espanhol. Emilio Pérez Touriño ganha tempo para que a bomba do Estatuto catalão seja desactivada pelos 'artificieiros' de Zapatero, encarregando um relatório jurídico-administrativo ao Conselho Consultivo. Um Conselho Consultivo presidido

por José Antonio García Caridad, que fora nomeado por Manuel Fraga Iribarne.

Carlos Aymerich duvidou publicamente na tribuna do Parlamento dos propósitos do presidente Touriño na hora de encomendar esse relatório. Preguntou a Touriño, na câmara galega, que sentido tem, e em que poderá ajudar a reforma, um informe elaborado por uma pessoa da corrente política do PP.

Entretanto, o BNG diz não renunciar a um estatuto de nação, ainda que a denominação exacta não seja nação no seu articulado. PSdG-BNG acordaram no pacto de governo do bipartido que a reforma do estatuto se deve tramitar como proposta paramentalar nos 6 primeiros meses de legislatura. Já lá vão os 3 primeiros meses de

governo e ainda não foram resolvidos os preliminares para dar início ao processo. Francisco Jorquera, coordenador da Executiva do BNG assegurara que "agora é o momento da Galiza" depois de ser aprovado para a tramitação do Estatut catalão.

Até o mês de Janeiro, os populares não realizarão o congresso de sucessão. Dependendo de quem suceda a Manuel Fraga, decidirão se participam ou não na proposta parlamentar. O PP encarregou aos redactores do actual Estatuto uma proposta de texto para a nova norma. Por enquanto, o PPdG está a jogar com os prazos, sabedores da necessidade de eles participarem no processo, para que Mariano Rajoy possa seguir exercendo a oposição a Zapatero com motivo

do Estatuto Catalão.

Por seu turno, NÓS-Unidade Popular manifestou a sua "mais aberta desconfiança" perante o anunciado processo de reforma. A esquerda independentista entende que na realidade não é reconhecida à Galiza a sua natureza nacional, e em que o conjunto do povo galego vai ser mero espectador de um debate "super-estrutural realizado pelas cúpulas políticas dos partidos com representação institucional". NÓS-UP entende que sem o reconhecimento expresso do direito de autodeterminação, não considerará legitimado democraticamente qualquer status de integração no Estado espanhol do País.

7 em cada 10 galegos a favor

68,9% da população galega considera necessária a reforma do Estatuto. 33,40% da população entende, ainda, que a reforma deve acometer-se de forma urgente. Som as principais conclusões de um inquérito elaborado pela Junta da Galiza. Os dados do inquérito reflectem também que os votantes de todos os partidos políticos galegos apoiam maioritariamente a necessidade de reforma estatutária: 55% dos votantes do PP, 71,51% dos votantes do PSdeG e 87,23% dos votantes do BNG.

Duas mulheres morrem no Condado pela doença das vacas loucas

REDAÇÃO / No passado mês de Julho, Maria Núñez Montero, natural de Vila Cova (Salvaterra do Minho), e uma vizinha de Celeiros faleciam com os sintomas provocados pela doença de Creutzfeldt-Jakob, associada ao chamado mal das vacas loucas. Conforme o publicado pela revista Interviú, a neurologista do Hospital Universitário de Vigo Maria José Moreno concluiu como "juízo clínico" que a morte de Maria tinha sido provocada por esta doença, à espera dos resultados de uma necropsia que está a demorar. Segundo as declarações do marido de Maria Núñez, a morte de Celeiros (a 8 quilómetros de Vila Cova) produziu-se pela mesma doença, conforme lhe assegurou pessoal sanitário do hospital viguês do Meixoeiro. Neste complexo médico tem-se cons-

tância de, pelo menos, mais cinco casos com sintomas semelhantes para os quais não foram realizadas necropsias, pelo que não pôde ser confirmado este extremo, conforme pudo saber Novas da Galiza com base em fontes do hospital.

Em Salzedra de Caselas, também no Condado, um homem está a padecer os sintomas característicos da doença, e já assinou um documento pelo que reclama que, em caso de morte, seja analisado o seu caso de forma pormenorizada. Estes acontecimentos reacendem a polémica sobre os efeitos humanos da doença originada pela encefalopatia espongiforme bovina, que se manifestam a longo prazo e que, segundo apontam os indícios, podem ter provocado as primeiras vítimas da Galiza.

Junta recupera domínio *plangalicia.com*, registado em nome da Casa Encantada

REDAÇÃO / O domínio *plangalicia.com* tinha sido registado pelo activista na rede e criador Mariano Grueiro como medida de protesto, facto perante o qual o anterior governo autonómico tinha reagido no passado dia 22 de Julho com uma denúncia, um dia antes da assinatura do pacto da nova coligação PSOE-BNG. A demanda foi apresentada perante a entidade internacional que regula a arbitragem de conflitos para domínios da Internet, a WIPO. Para isto valeu-se da consultora transnacional Clarke, Modet & Co., que finalmente conseguiu que a propriedade do domínio passasse aos demandantes no passado mês ao considerar que "o uso do nome do domínio foi efectuado de má fé" e por ser a

Junta a titular da marca registada 'Plan Galicia'. Nas últimas semanas em que o registo alternativo permaneceu activo, a Casa Encantada realizou uma campanha através deste sítio web qualificando o plano desenhado pela administração Fraga como colonial e reclamando políticas activas para dar saída aos problemas da Galiza. A Casa Encantada era a entidade que figurava nos dados de contacto do registo como titular do domínio, mas a demanda resolveu acusar Mariano Grueiro como responsável, já que "tinha urdido esta manobra para tentar eludir a sua responsabilidade", segundo a resolução do organismo regulador internacional, que sentenciou que o domínio devia ser propriedade do governo autonómico.



◆ 02.11.05

Reganosa. Fenosa compromete-se a garantir central de gás.

◆ 03.11.05

Repressom. Méndez Romeu (PSOE) anuncia funcionamento da Polícia Autonómica em 2007

Maré vermelha. Todas as rias encerradas ao marisqueio.

AGAL. É "reconhecida" oficialmente por Política Lingüística.

◆ 04.11.05

Cem dias. Independentistas Xiana Rodríguez e Ugo Caamaño cumprem 100 dias em prisão.

Turistificação. Monarca espanhol inaugura porto desportivo de Sam Jenjo.

◆ 05.11.04

Acidentalidade. Moço de Portas morre numa obra de 'Castrogar'.

"Águas Limpas". A agrupação montañeira constitui-se nos Montes Aquilanos.

◆ 07.10.05

Militarismo. Vice-presidente da Junta louva a empresa Uro, fornecedora do Exército espanhol.

Franquistas. PSOE e PP mantêm o título de "filho predilectíssimo da Corunha" para Franco.

Berzo. Mineiros cortam saída da Galiza ante a redução de postos de trabalho anunciada por Madrid.

◆ 08.10.05

Cidade da Cultura. A sua execução total custaria 3 orçamentos anuais de Cultura (492 milhões).

Fadesa. A imobiliária fai-se com o controlo de 3.8% de Fenosa.

◆ 10.11.05

Plano Hidroeléctrico. Ambiente suspende 32 concessões de minicentrales, negocia 22 e tramita 9 expedientes de caducidade.

Primeira tentativa. Jovens dos CAE e de Galiza Nova tentam retirar a bandeira de Espanha no Orçám.

Corrupçom. Ex-presidente autárquico do Vicedo, Prado Villapol, deverá reintegrar 750.000 € roubados à Câmara Municipal.

Sinistralidade. Antonio R. G. morre quando trabalhava em Piçarras Campo de Ortigueira.



INTERNACIONAL

NOVAS DE ALÉM-MINHO

NUNO GOMES / O troço Viana do Castelo - Caminha da auto-estrada A28 abriu no dia 5 de Novembro ao trânsito, com a presença do Primeiro-Ministro português, José Sócrates. A via, que num futuro próximo ligará o Porto a Valença pelo litoral, funciona no regime SCUT (sem custos para o utilizador). Esta "discriminação positiva", afiança Sócrates, continuará até que o Alto Minho atinja níveis de desenvolvimento mais próximos da média nacional. A ligação por auto-estrada entre Viana do Castelo e Valença era a proposta defendida pela Comunidade Intermunicipal do Vale do Minho (CIVM), ficando assim (aparentemente) gorada a intenção da Comunidade Urbana do Vale do Lima de rematar a A28 em território português com uma ponte sobre o rio Minho entre Caminha e a Guarda. Entre a A28 e a A3 (Porto - Valença) haverá três ligações em auto-estrada: as já inauguradas, como o troço da A7 entre a Póvoa de Varzim e Famalicão, e o troço da A27 entre Ponte de Lima e Viana do Castelo; e o troço da A11 entre Braga e Esposende (já concluído, mas ainda não inaugurado).

A notícia de que a linha Porto-Vigo em Alta Velocidade (AV) já não faria parte das prioridades do governo português gerou uma pequena onda de apreensão entre responsáveis dos dois lados da fronteira. Do lado galego, Emilio Pérez Touriño reuniu-se com José Sócrates no âmbito da criação da Uniminho, uma associação intermunicipal transfronteiriça que junta a CIVM à Deputação de Ponte Vedra em projectos de obras públicas e gestão comum de equipamentos e serviços. Nesta reunião o primeiro-ministro português esclareceu que a data de 2009 como conclusão da linha de AV entre Porto e Vigo é irreal, apesar de assegurar que este será um projecto para levar avante.

Um dos pontos em agenda da recente cimeira luso-brasileira foi a promoção conjunta da língua portuguesa na América Latina, através, entre outras medidas, da criação do Instituto Machado de Assis, que funcionará a par do Instituto Camões. Outra vontade anunciada é a do incremento da cooperação com os países africanos de língua oficial portuguesa. Entretanto foi lançado pelo governo português o Plano Nacional de Acção para o Crescimento e Emprego que identifica a Língua (património linguístico e cultural) como uma oportunidade de criação de valor.

A temporada teatral na Póvoa de Varzim começou com a peça 'O Circo enmeigado', encenado pela companhia galega 'Teatro do Morcego', segundo texto original de Rafael Dieste. Esta é a segunda vez que esta companhia actua na Póvoa.

A promoção de agentes económicos portugueses prossegue na Galiza. A Administração dos Portos do Douro e Leixões deslocou-se no dia 25 de Outubro a Vigo para favorecer o "estreitamento das relações comerciais" entre as duas regiões. A Câmara de Paços de Ferreira (concelho normalmente apelidado de Capital do Móvel) e a associação empresarial concelhia promoveram a deslocação de 28 empresários de mobiliário ao salão temático na *Vigoferia* dedicado ao mobiliário e interiorismo.



O exército norte-americano empregou o fósforo branco de maneira indiscriminada e maciça sobre várias cidades iraquianas

USA EMPREGA ARMAS QUÍMICAS NO IRAQUE

Durante a tomada de Bagdade, o assédio em 2004 a Falluja e na ofensiva contra Tal Afar fôrom usadas estas armas. Os norte-americanos som responsáveis por massacres com armas químicas, a mesma acusação pola qual há de responder Saddam

DUARTE FERRÍN / Está-se a usar umha arma química de fósforo branco com napalm (umha versom de napalm denominada MK77) que se queima mais rápido devido a que tem mais cerosim.

O napalm produz um gel peganhento que arde e adere à pele enquanto se queima. Também produz umha nuvem de monóxido de carbono asfixiante e mortal. Quando é acrescentado às munições de fósforo branco, este gel nom se pode apagar nem com água. Foi 'aperfeiçoado' na guerra do Vietname, acrescentando-se-lhe um produto aderente e fósforo branco que continuava a arder mesmo dentro da água, para que penetrasse até os ossos ainda que os vietnamitas mergulhassem.

Testemunhas

Um militar estado-unidense: "O fósforo queima os corpos, derrete mesmo até os ossos. Vim como se queimavam os corpos de mulheres e de crianças. O fósforo estoura como umha nuvem. Quem se encontrar num rádio de açom de 150 metros está liquidado".

Habitantes de Tal Afar que fugiram na recente ofensiva contra a cidade: "O exército estado-unidense utilizou napalm nos seus bombardeamentos".

Omer Sarayli, um dos que logrou fugir de Tal Afar: "Durante os ataques aéreos lançárom algo amarelo contra um bairro da cidade. Um fumo amarelo-esverdeado que cheirava muito mal começou a sair da zona. Depois, fomos à área e descobrimos mais de 100 mor-

tos, alguns carbonizados".

Mohamad Tareq ao Deraji, biólogo de Falluja: "Umha chuva de lume desceu sobre a cidade, as pessoas tocadas por esta substância de diferente cor começaram a queimar-se; encontramos muita gente morta com estranhas feridas, os corpos queimados e a roupa intacta".

Giuliana Sgrena: "Recolhera testemunhas do uso do fósforo e do napalm dos fugidos de Falluja antes que me seqüestrassem. Teria relatado isto tudo, mas os meus raptos impediram-no".

Randolph Alis, marine que dirigiu alguns ataques com napalm: "Os Generais amam o napalm porque tem um grande efeito psicológico devido à bola de fogo que produz e ao seu típico cheiro".

Abu Hamad, comerciante de Falluja, conta: "Estám a usar de tudo, incluindo gases venenosos".

Khudur al-Azawi, do Partido Nacional Democrático do Iraque: "Os norte-americanos estão a perder a guerra no Iraque e na sua frustração usam armas químicas e bombas de napalm contra a população civil".

Médicos que permanecêrom em Falluja: "Reconhecemos cadáveres que nom tinham feridas de bala, metralha ou qualquer outro objecto que penetrasse nos seus corpos. Os cadáveres eram de homens, mulheres e crianças. Os corpos estavam inchados, com umha cor amarela e careciam de cheiro".

Morantes, de um vila perto a Falluja: "Após um bombardeamento nom tive-

mos mais remédio que enterrar os mortos em valas comuns, pois eram irreconhecíveis, estavam abrasados polo uso de bombas de napalm".

Abu Sabah, refugiado da área do Julam: "Após os bombardeamentos, o fumo era como umha nuvem em forma de fungo... ao caírem pequenos fragmentos, deixavam umha longa esteira de fumo atrás de si... os pedaços estouravam e continuavam a arder... quando alcançavam alguém os seus corpos queimavam-se durante horas, queimavam a pele, mesmo se se punha água nas feridas."

Outros cidadãos de Falluja: "Fomos bombardeados com bombas que estouravam provocando amplos incêndios que nom se podiam apagar com água".

Coronel James Alis, que comandava um Grupo de Ar dos Marines na tomada de Bagdade: "Utilizamos napalm nas duas ponte de acesso [...] havia gente lá porque se podiam ver no vídeo [da cabine do avião]... nom é um jeito de morrer fabuloso?"

Segundo o jornal *The Independent*, fôrom usadas as bombas incendiárias 30 MK77 de nova geração durante a invasão em Março e Abril de 2003.

A cadeia de televisom RAI News 24 possui documentos filmados e fotografias recolhidas em Falluja durante e depois dos bombardeamentos de Novembro de 2004, nos quais se demonstra que o exército norte-americano empregou o fósforo branco de maneira indiscriminada e maciça sobre os bairros da cidade.



A realidade da imigraçom

Laura Bugallo

NÃO HÁ INFORMAÇÃO REAL DAS DIFICULDADES PARA OBTER PAPÉIS ALÉM DAS NOSSAS FRONTEIRAS, E A IMAGEM DISTORCIDA DO NOSSO PAÍS FEZ COM QUE MUTAS PESSOAS VIESSEM COM A IDEIA DE QUE IA SER FÁCIL CONSEGUIREM A AUTORIZAÇÃO PARA RESIDIR E TRABALHAR, OU MESMO PARA IREM ARRANJANDO ALGUMHAS POUPANÇAS E ASSIM FAZEREM ENVIOS DE DINHEIRO

A Galiza conhece por si própria a emigração como parte essencial e facto diferencial da própria história. Com a crise da América Latina patrocinada não só pelos corruptos governos, mas também pelos Estados ex-colonizadores, que mais uma vez tiraram bom proveito das fracas economia e política desses estados. O facto de ter sido o Estado espanhol um referente nos processos de colonização e espoliação faz com que as grandes empresas como Repsol-Ypf, Telefónica e a banca em geral estiveram oportunamente nos lugares onde, vista a queda da economia, saíram com pingas benéficas.

A necessidade das pessoas desses territórios afogados em dívidas, onde o porvir é mesmo uma utopia, e onde as utopias ficam na desesperação, onde a vida não vale nada e os índices de delinquência aumentam até quotas desconhecidas, fizeram

com que estas pegassem nas suas bagagens e fugissem de jeito pavoroso para uma Europa que semelha muito mais rica.

Assim, desde uns anos antes de 2000 e nomeadamente no ano 2001, com a crise no mês de Dezembro no cono sul da América Latina, a Galiza conheceu o que viria a ser já não um facto conjuntural, mas um factor estrutural.

Estamos a falar de mais de 45 mil pessoas imigrantes de diversas origens, segundo o Ministério do Trabalho e Assuntos Sociais. Porém, as entidades que trabalhamos no dia-a-dia com a imigração calculamos umas duas mil pessoas mais que ficaram fora do último Processo de Normalização. A imigração hoje na Galiza no Censo do Padrão chega a 1,64%, sendo Vigo e a Corunha as cidades que mais população têm, seguidas de Ourense, Compostela, Ponte Vedra,

Lugo, Verim, Ferrol, Oleiros e Vila Garcia de Arouça.

Mais deixando de parte dados populacionais, na actualidade temos que fazer os seguintes comentários e mesmo denúncias:

As mulheres imigrantes acedem ao primeiro posto de trabalho no Serviço Doméstico, com salários misérrimos, e têm que aturar situações de exploração. E em grande medida, as 'sem papéis' ficam como empregadas do lar internas, onde, sem medo a errar, se dão situações de verdadeira escravatura.

Continua a haver empresários, nomeadamente na hotelaria, que desejam ter pessoas imigrantes 'sem papéis' por duas razões principais: a primeira é o facto de serem mão-de-obra barata, pagando-se-lhe portanto o que lhes parece (fora do convénio) e poupando os descontos à Segurança Social; a segunda é serem mão-

de-obra muito submissa, já que têm medo de não encontrar outro emprego ou, nalgum caso, de serem deportadas para o país de origem.

Não há informação real das dificuldades para obter papéis além das nossas fronteiras, e a imagem distorcida do nosso país fez com que muitas pessoas viessem com a ideia de que ia ser fácil conseguirem a autorização para residir e trabalhar, ou mesmo para irem arranjando algumas poupanças e assim fazerem envios de dinheiro.

A existência de uma política desenhada pelo centralismo, onde a realidade do nosso povo é ignorada, onde o mercado laboral na Galiza fica mais uma vez destruído pelo desinteresse dos governantes de Madrid quanto às nossas necessidades, que longe de ter fortalecido o nosso tecido produtivo, investiram contra ele e não investiram na criação de postos de trabal-

ho, está a provocar que a nossa população, galega e de adopção, continue a sair numa emigração que, por enquanto, nenhuma administração foi o suficientemente valente para reconhecer, pois é dentro da península, sim, mas é um fluxo migratório que em 5 anos resultou em mais de 160 mil pessoas a emigrarem, queiram vê-lo ou não.

Ter uma política de imigração e emigração também desenhada por nós, na Galiza, com a participação dos agentes sociais, políticos e de outras entidades de imigrantes, fará com que o caos que provocou o PP mandante e subordinado de Madrid e Compostela, tenha finalizado.

A tarefa é complexa, mas hoje é um dos assuntos que nenhuma agenda política pode deixar de atender.

Laura Bugallo é especialista em intervençom social da CIG

FOI DITO

"PENSA QUE A GALIZA DEVERIA TER UMHA HORA MENOS COMO AS CANÁRIAS?"

Inquérito

Realizado por www.lcarreogallega.es, 67,5% respondem afirmativamente. 01-11-2005

"É MUITO LINDA, MAS EU NOM SOU IMPARCIAL"

Felipe de Bourbon

03.11.05

"TENTA METER EM ESPANHA UNS PAPAGAIOS NUMHAS MEIAS"

La Voz de Galicia

Cabeçalho. 18.10.05

"SOMOS UMHA NAÇOM E O NOSSO ESTADO É O ESPANHOL"

Manuela de Madre

Deputada catalá do PSC. 02.11.05

"CUNQUEIRO NOM ESTAVA INTERESSADO NA POLÍTICA, METEU-SE NA FALANGE OU NO QUE FOSSE PORQUE DAQUELA HAVIA QUE METER-SE NALGUM SÍTIO"

Xosé Luís Franco Grande

Escritor 27.10.05

"A MENINHA JÁ NOM CHORA"

Sofia de Grécia

Rainha de Espanha. 02.11.05

"O QUE HÁ QUE FAZER AÍ É PARALISAR TUDO JÁ, DE IMEDIATO"

Vári Caramés

Fotógrafo galego. Sobre a Cidade da Cultura. 17.10.05

"OXALÁ O CONSIGA"

Unicef

Declaraçoms da delegaçom galega do organismo sobre a possibilidade de que Letizia Ortiz aleite a sua filha. 03.11.05

PROJECTO GLOBAL

projectoglobal.com



A FUNDO

Galiza duplica a percentagem de população imigrante nos últimos cinco anos

A CIDADANIA PROCEDENTE DE OUTROS PAÍSES Atinge 5% DO TOTAL DE HABITANTES, POR VOLTA DE 135.000 PESSOAS

Portugal, Colômbia, Argentina e Marrocos som os países extra-estatais que fornecem a Galiza de um maior número de imigrantes. O destino destas pessoas costuma ser a construção, a hotelaria, a pesca e o atendimento doméstico. O fenómeno está longe de atingir no nosso país a intensidade que tem noutros estados europeus, mas não pode ser ignorado o facto de ter

aumentado até 5% da população global galega nos últimos cinco anos, sendo 135.000 as pessoas de origem não galega residentes na CAG. Entretanto, as políticas implementadas pelo anterior executivo centraram-se quase exclusivamente na inserção da chamada emigração retornada, e as da actual administração apresentam eivas que analisamos nesta reportagem.

SOLE REI / CARLOS BARROS

O fenómeno da imigração tem-se acentuado nos últimos anos, em paralelo ao processo de globalização e de intensificação das diferenças entre os chamados Norte e Sul. Se bem que a Galiza só recebe 2% da imigração estatal, a percentagem de população forânea no País tem duplicado nos passados cinco anos, atingindo 5% do total de habitantes, o que implica por volta de 135.000 pessoas, das quais 60% procede do Estado espanhol e 40% de outros estados. O incremento de população considerada estrangeira intensificou-se especialmente a partir de 2000, ano em que pela primeira vez o número de imigrantes procedentes de fora do Estado superou a imigração interestatal com destino à Galiza administrativa. Porém, as dificuldades para encontrar emprego no nosso território -13% de possibilidades face à média estatal de 32%- provocam que o crescimento da população forânea seja notavelmente inferior ao do nosso âmbito próximo e ao registado na Europa.

Umha boa parte dos e das novas habitantes da Galiza som descendentes de emigrantes e retornados, o tipo de imigração predominante até 1999, quando alcançavam 80% das entradas migratórias. Até os dias de hoje, a relação proporcional entre retornados e imigrantes inclina-se para os segundos, embora tenham chegado ao País mais de 50.000 retornados e retornadas nos últimos cinco anos.

Outro tipo de imigração que não costuma ter-se em conta nas estatísticas oficiais é o produzido dentro da nossa própria geografia, predominante nos movimentos das áreas rurais para os núcleos urbanos. A realidade do despovoamento do interior galego implicou fluxos migratórios importantes, que superaram mesmo a entrada de população exterior. Dentro da Comunidade Autónoma Galega, 57.312 pessoas mudaram a sua residência em 2004, enquanto fôrom 37.697 as pessoas imigrantes forâneas neste ano.



A percentagem de população forânea no País tem duplicado nos passados cinco anos, atingindo 5% do total de habitantes, o que implica por volta de 135.000 pessoas

O incremento de população estrangeira intensificou-se especialmente a partir de 2000, ano em que pela primeira vez o número de imigrantes procedentes de fora do Estado superou a imigração interestatal com destino à Galiza



A reforma legislativa do PSOE não conseguiu pôr fecho à exploração irregular das pessoas imigrantes em numerosos sectores

O destino preferencial destes fluxos está nas duas províncias atlânticas, que atraem três em cada quatro imigrantes para trabalharem nos sectores da construção, a hotelaria, a pesca e a atenção doméstica, sectores em que também é predominante a contratação irregular

Procedência e destino

No grosso da imigração procedente de fora do Estado destaca a originária da América, que atinge 51%, enquanto a europeia chega a 35%. E os principais países que fornecem movimentos migratórios para a Galiza som, ordenados quanto ao número de imigrantes: Portugal, Marrocos, Venezuela e a República Dominicana.

O destino preferencial destes fluxos está nas duas províncias atlânticas, que atraem três em cada quatro imigrantes para trabalharem nos sectores da construção, a hotelaria, a pesca e a atenção doméstica, sectores em que também é predominante a contratação irregular, polo que os dados com que contamos som limitados na medida em que não incluem a presença dos chamados 'sem papéis'. No total, som 27.600 os imigrantes de fora do Estado filiados na nossa Comunidade Autónoma, com umha média de idade de 36 anos e praticamente em igual proporção no número de mulheres e homens.

Neste ano, o Estado espanhol continua a ser o território europeu com maior número de imigrantes a trabal-

EM DATOS...

ESTADOS DE PROCEDÊNCIA DO COLECTIVO

Portugal	9.154	Brasil	1.981
Marrocos	5.977	Peru	1.607
Venezuela	4.289	Argentina	1.570
Rep. Dominicana	3.145	Itália	1.416
Colômbia	2.105	Cuba	1.242
Uruguai	2.015		

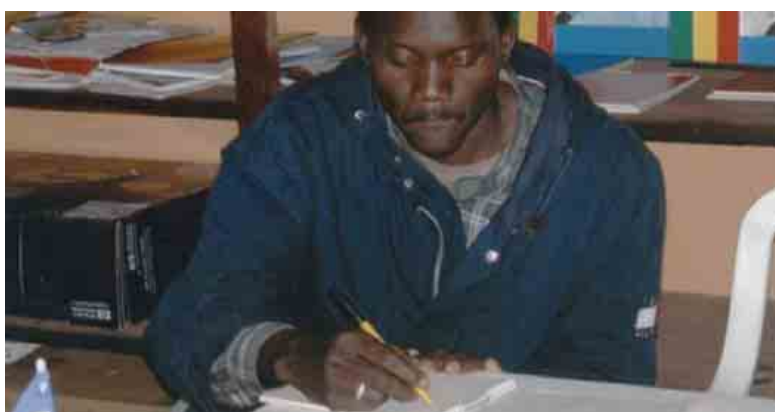
Fonte: Ministério do Trabalho. Sobre residentes na Galiza. Março 2005.



Ceuta continua a ser o lugar de passagem obrigatório para a maior parte dos imigrantes que chegam de África. O Estado espanhol já elevou a altura dos valados.



O fenómeno da nossa emigração continua a atingir números preocupantes, polo que cada vez se considera mais necessário criar postos de trabalho estáveis que impidam a saída para o estrangeiro da juventude



Galiza poderá perder 31.000 habitantes extracomunitários, os que nom contem com autorizaçom de residência permanente

har na economia submersa, fenómeno que na Galiza se estima inferior, embora nom deixe de ser significativo. No passado ano fõrom expulsos da Galiza 364 imigrantes considerados ilegais, 3% do total das expulsõns no Estado.

O país emigrante precisa de imigrantes

A Galiza precisa de 200.000 novos empregos para equiparar-se às taxas de actividade e ocupaçom europeias, conforme um estudo elaborado polo economista da Universidade de Vigo Albino Prada. No chamado Ocidente, as necessidades de ocupaçom estãm a ser cobertas por imigrantes em determinados sectores como o agro e a construçom, como mao-de-obra barata na maioria das occasions. Nom obstante, o fenómeno da nossa emigraçom continua a atingir números preocupantes, polo que cada vez se considera mais necessário criar postos de trabalho estáveis que impidam a saída para o estrangeiro da juventude.

A chegada de novos e novas trabalhadoras estrangeiras é também precisa, segundo fontes consultadas, para paliar o envelhecimento populacional crescente, que já situa hoje em dia a percentagem de habitantes maiores de 64 anos cinco pontos acima da menor de 20 anos. A imensa maioria da imigraçom chega à Galiza em idade laboral activa. E, no cumprimento da Lei de Estrangeiria, a Comunidade Autónoma Galega poderá perder 31.000 habitantes extracomunitários que hoje moram no País, aqueles que nom contem com autorizaçom de residência permanente antes do próximo dia 22 de Dezembro.

Neste ano, o Estado espanhol continua a ser o território europeu com maior número de imigrantes a trabalhar na economia submersa, fenómeno que na Galiza se estima inferior, embora nom deixe de ser significativo. No passado ano fõrom expulsos da Galiza 364 imigrantes considerados ilegais, 3% do total das expulsõns no Estado

Legislando para a Galiza exterior

Segundo dados do Instituto Galego de Estatística, o número de imigrantes com nacionalidade nom espanhola na Galiza foi dos 4.532 no ano 1990 aos 19.366 em 2004. Apesar do palpável incremento deste colectivo, as políticas da antiga Conselharia da Emigraçom do governo de Fraga Iribarne fõrom, desde a criaçom em 1983 da Lei de reconhecimento da galeguidade para as chamadas comunidades galegas assentes fora da Galiza, umha sucessom de modificaçõns da maneira de gerir ajudas e subvençõns para as famílias de galegos emigrados e retornados.

O mesmo que as actuaçõns da Fundaçom Galiza Emigraçom, centrada na realizaçom de programas de assistência social e sanitária para o exterior, contributos económicos, e mesmo assessoramento sobre a situaçom dos bens imóveis dos galegos emigrados.

Em 2004 é criado o Observatório Galego da Imigraçom e da Luita contra o Racismo e a Xenofobia. Mesmo assim, é preciso dizer que o labor deste organismo é meramente simbólico e em nenhum caso vinculante, já que a sua funçom fica reduzida à análise e difusom de dados referidos aos imigrantes no País.

Apesar do palpável incremento da imigraçom, as políticas das antigas administraçõns autonómicas fõrom, desde 1983, umha sucessom de modificaçõns da maneira de gerir ajudas e subvençõns para as famílias de emigrados e retornados

Iniciativas para a integraçom no mercado de trabalho

No tocante ao incentivo da inserçom laboral, os principais destinatários destas políticas fõrom também os emigrantes retornados, mediante convênios de formaçom com compromisso de contrataçom realizados com empresas como Carrefour, Gestamp, Vegonsa, Geriatros, Eulen ou Texcar. Cumpre assinalar também os programas encaminhados à criaçom

de empresas, e iniciativas como Equal, apresentada como instrumento de cooperaçom transnacional para a promoçom de novos métodos de luita contra discriminaçõns e desigualdades em relaçom com o acesso ao mercado de trabalho. No entanto, estes programas nom deixam de enquadrar-se num marco teórico afastado da realidade da maioria dos imigrantes que chegam ao nosso país, sem recursos económicos nem apoios pessoais que lhes permitam fazer parte do que acaba por ser um módulo de formaçom e impulsionamento empresarial.

A Secretaria Geral de Emigraçom, na qual o novo Executivo galego integrou a anterior Conselharia, toma agora o relevo destas políticas. Por enquanto, o mais destacável é o milhom oitocentos e trinta e dous mil euros que receberá do Ministério do Trabalho e Assuntos Sociais para o acolhimento, integraçom e reforço educativo do colectivo imigrante. É preciso dizer, porém, que estes fundos vam ser geridos tendo em conta os imigrantes recensados, os trabalhadores filiados na Segurança Social e os menores estrangeiros escolarizados, ficando de fora os chamados "sem papéis", que nom poderãm beneficiar da medida.

Na Galiza, em galego...

Umha das eivas que se percebem nos programas da Administración para a integración dos imigrantes diz respeito à língua. A maior parte das pessoas que chegam à Galiza interagem com a população autóctone em espanhol. O Plano Geral de Normalización Lingüística assinala o objectivo de incorporar a população migrante à língua própria da Galiza, garantindo-lhe umha oferta formativa acessível, gratuita e de qualidade. Porém, apesar de apenas um dos 315 concelhos galegos (Ribeira de Piñum) nom registar imigrantes entre a sua população, os diferen-

tes municípios nom prestam especial atención a esta questom. Assim, poderiam ser referidos os casos de Compostela, da Corunha ou da Estrada, assim como o de Carvalho. Este último, no qual 532 dos 29.815 habitantes som estrangeiros, constitui um caso paradigmático pola especial sensibilización do governo municipal para a integración deste colectivo na sociedade galega, "fazendo-lhes ver a realidade do lugar a que chegam" mediante obradoiros de língua e cultura galegas "que lhes servem para se integrarem na nossa comunidade".

Prostituição e imigração

Segundo dados de um relatório realizado polo Serviço Galego de Promoção da Igualdade entre o Homem e a Mulher, entre 80 e 95% das mulheres dedicadas à prostituição na Galiza som estrangeiras. As latino-americanas som as mais numerosas, mas também há mulheres procedentes do continente africano e dos países do Leste da Europa, sector este último em que se detecta na actualidade um maior incremento. Venhem à procura de um trabalho para sobreviverem elas e, em muitos casos, as próprias famílias, mas a maioria contraem dívidas, ainda antes de chegarem, com as pessoas que gerem a sua viagem, verdadeiras máfias em muitos casos, que podem chegar a 3.000 ou 6.000 euros. A situação torna-se ainda mais grave para as trabalhadoras dos clubes, onde é frequente que hajam de pagar pola comida e a residência, devendo ainda ficar fechadas, pois a maioria delas nom temhem autorização de residência. Por vezes, as mulheres som obrigadas a trabalhar mesmo

Entre 80 e 95% das mulheres dedicadas à prostituição na Galiza som estrangeiras. As latino-americanas som as mais numerosas

durante os dias da menstruação, introduzindo umha esponja no interior da vagina. A Corunha é a segunda província do Estado espanhol com mais 'clubes de alterne'. Apesar disto, as acuações do governo e da polícia som inexistentes. Touriño comprometera-se, num discurso eleitoral em Vigo antes de conseguir a presidência da Junta, a punir "toda a modalidade de proxenetismo", salientando que nom era possível ser tolerante com um problema assim. Aguardamos ainda.

“Se nos dessem papéis, nom haveria problema nenhum”

ALE DIOP, SENEGALÊS EMPREGADO NUMHA EXPLORAÇÃO PECUÁRIA

Aos 25 anos, Ale Diop empreendeu a aventura de atravessar o Estreito de Gibraltar sem papéis, à procura de um trabalho digno. Em Fevereiro deste ano assinava o seu primeiro contrato numha granja de ovelhas em Maceda, facto que lhe permitiu conseguir a autorização de residência. Depois de um ano e meio na Galiza, olha para o futuro com esperança.



Ale Diop conseguiu este ano o permiso de residência graças ao seu trabalho

Chegar à Península nom é nada fácil...

Demorei cinco meses. Saim do Senegal em Outubro e cheguei à Corunha em Março. Primeiro fum até Marrocos, tendo que cruzar um pequeno trecho de mar para chegar a Ceuta. Estava doente naquela altura, chovia muito e nom sei nadar, polo que engolim muita água e quase afogou. Pagamos a um marroquino para que nos ajudasse, e ele foi-nos levando aos poucos. Estivemos cerca de duas horas na água, a boiar, enquanto nos passava a nado. Quando chegamos, fomos à esquadra para obter documentação como refugiados, e num prazo de tempo conseguimos a autorização de residência ali. Se eles queirem, nuns quatro meses é possível obter a autorização para atravessar o estreito, e após conseguido, a viagem torna-se já mais segura.

Que te levou a escolher a Galiza e como consegiste o trabalho?

Tenho familiares e amigos que vivem na Corunha, por isso vim para a Galiza. Quando cheguei vendia CDs, com o problema de andar a fugir da polícia, de ser roubado e ganhar muito pouco. Comprámos um lote e vendiamos-los depois pola cidade.

Estivem também em Compostela, onde me detivérom durante um fim-de-semana por venda ambulante de discos falsos. Ali conhecim muita gente, entre eles, uns amigos que me comentárom a possibilidade de trabalhar numha granja em Maceda. Entom conseguimos sair adiante e aceder à documentação para ficar. Este é o meu primeiro trabalho oficial.

Como está a ser a integração na sociedade galega?

Ao chegar, graças ao facto de me relacionar com pessoas que estavam aqui havia tempo, em poucas semanas pudem conhecer a envolvente da Corunha. Cá em Maceda nom há problemas de convivência, só que já nom há crianças, só vel-

hos. Fago o meu trabalho e vou para casa, mas com as pessoas nom tenho problema nenhum.

Que dirias às pessoas preocupadas com o chamado 'perigo migrante'?

Se nos dessem papéis com normalidade, nom haveria nenhum dos problemas que temhem acontecido, por exemplo, em Ceuta. Se fosse mais fácil, viríamos como legais; senom, continuaremos a procurar o pam como pudemos. Facilitar a emigração é o melhor para nós e para os governos. Quero trabalhar para ganhar a vida e ajudar a família. Quando vendia discos nom pagava a Segurança Social, mas quando conseguimos a legalização comecei a pagá-la. Isso sim, se acabar este contrato nom vou voltar a vender discos.

bar
faluya
Orzán 75,
A Coruña

libreria
couceiro

AURIENSE
café cultural
ourense
CAFEAURIENSE@TERRA.COM
PRAZA DO CORREXEDOR, 11
TLF. 988 222 536

o' mexilón
Rua de San
Quintán

local social
baicavermelha
Ponte Areas - Galiza
Rua Redondela nº 11 rés-do-chao

revira
local social
Arcebispo Malvar 33 Ponte Vedra

LOCAL SOCIAL
REVOLTA
Rua Real, 32
Apdo. 287 - 36200 VIGO

Cafés • Copas
Actuacions
Festas
Exposicions
DJs ...
Abrimos
todos os dias
a partir
das 19:00h
Rua Tven 5 - A Coruña

BREBAXE
TRALPICA

o pichel
centro social
rua santa clara, 21
compostela

“A sociedade galega é tradicional e conservadora, como a minha”

MOHAMED AZIBOU, GERENTE DE UM BAR EM COMPOSTELA

‘Moha’ chegou à Galiza no ano 1986 para fazer um curso de quinze dias e acabar o seu curso universitário. A relação com o ambiente estudantil nos seus primeiros anos de estadia e o seu feio extrovertido facilitáram-lhe a integração na sociedade, da qual se sentiu desde o começo um membro mais. Depois de 19 anos realizando trabalhos dos mais diversos, na actualidade gere o bar Calpe, na cidade velha de Compostela. Mesmo assim, as cousas nom vinhérom feitas...

Como vinheche parar à Galiza?

O único que sabia dela era que havia religiosos, pescadores, traficantes e o Celta de Vigo. Conheci uns galegos em Marrocos que me convidáram para fazer um curso. Adorei a ideia. Vim que este país tem muito a ver com a nossa sociedade em Marrocos: a sociedade é conservadora, tradicional como a minha.

Quanto tardache em conseguir uma autorização de residência?

Por ser estudante, aos três meses já tinha autorização de residência. Mas licença de trabalho nom tive até o ano 1991, quando se publicou a oferta de Imigração para arranjarmos os papéis e regularizarmos a situação para poder trabalhar. Para conseguir a

nacionalidade tivérom que passar dez anos mais.

Que tipo de trabalhos figeche em todo esse tempo?

Pois como fotógrafo, em imprensa como ‘freelance’. Trabalhei na hotelaria, em reprografia, num armazém de sapatos, nas casas pré-fabricadas, como estivador de porto... De tudo o que fum encontrando. Até cobrindo as rendas para os agrários de Santa Comba através de Unions Agrárias. Também dim explicaçoms... Nom podó contar todos os trabalhos em que estive, fum ganhando o pam onde pudem.

Relacionas-te com a comunidade marroquina residente na Galiza?

Conheço alguns, mas poucos. Quando eu vim, fum convidado por gente daqui; entom, fiquei com a mesma gente. Na Universidade andava entre a comunidade de estudantes. Jogava futebol, participava em grupos de teatro, era membro da revista Ólisbos de Filologia que tínhamos naquela altura... fazia todas as actividades que faziam as pessoas daqui, fazia parte da sociedade.

O atentado do 11-M de Madrid afectou-che de algunha maneira?

Afectou. Eu trabalhava de estivador eventual no porto para várias



Mohamed Azibou chegou à Galiza como estudante, passou por diferentes trabalhos e participou em várias iniciativas culturais

O governo espanhol está em maos dos europeus. Como recebe ajudas nom pode fazer nada, só o que lhe ditam. O primeiro mundo deveria investir dentro dos países de origem

empresas. A polícia passou por ali para perguntar se era marroquino e se estava a trabalhar. As duas empresas que costumavam chamar-me para ir ao porto dixérom que sim, mas deixárom de telefonar-me para novos trabalhos. Isso influíu, pois comecei a trabalhar menos do que antes. Há quem te considere umha pessoa problemática, e entom eliminam-te.

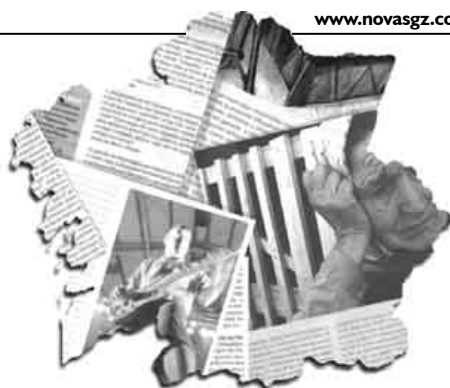
Que medidas pensas que deveria adoptar um governo como o espanhol para que a imigração nom seja percebida como um problema, senom como

um contributo?

O governo espanhol é um fantoche em maos dos europeus. Como recebe ajudas nom pode fazer nada, só o que lhe ditam de cima. A União Europeia deve dar-se conta de que se nom há trabalho para essa gente, o primeiro mundo deve investir dentro dos países de origem da imigração, em lugar de explorar essas pessoas dentro dos seus próprios estados. Porém, quando o problema já está aqui, cumpre buscar umha solução, umha maneira de integração que nom permita que suceda o que está a acontecer.

www.novasgz.com | assinantes@novasgz.com | Telefone: 699 268 032

NOVAS DA GALIZA



Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a NOVAS DA GALIZA, Apartado 39 (CP 15.701) de Compostela

Subscriçom + livro = 25 € 1 Ano, 12 números = 20 € Assinante Colaborador/a = ___ €

Nome e Apellidos Telefone

Endereço C.P.

Localidade E-mail

N° Conta

Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

Assinatura

REPORTAGEM

MONARQUIA BOURBÓNICA: PILAR INQUESTIONÁVEL DA NOVA 'ESPAÑA PLURAL'

ANTOM SANTOS / O agitado debate à volta das reformas estatutárias vêu a confirmar duas realidades bem assentes: a primeira, que a consigna apreendida pelo PSOE de 'mais estatutos, mais

Espanha', alcança aparência de realidade, com a exclusom generalizada do direito de autodeterminaçom e a reduçom ao nominalismo do fenómeno nacional. A segunda, que nenhuma das grandes

propostas de reforma da lei fundamental se atreveu a pôr em causa a instituiçom monárquica e o papel histórico dos bourbons. Os limites ao debate estãm ferreamente fixados.

O nascimento da filha do príncipe Felipe de Bourbon e Letizia Ortiz voltou a patentear o absoluto consenso mediático que segura a monarquia e cujo encenar, mais umha vez, um hipotético apoio popular a esta instituiçom, 'humanizada' em horas intermináveis de noticiários, reportagens e programas cor-de-rosa. Tam-só umha ínfima parte dos súbditos do Reino de Espanha conhecem de primeira mao um outro relato, alternativo ao mediático, sobre a família real e o papel jogado por Joám Carlos na cena política desde a sua nomeaçom por Francisco Franco. Há nom muitos anos, a editora Kale Gorria tirou do prelo o polémico *Un Rey Golpe a Golpe*, obra de Patricia Sverlo. A publicaçom, já na altura cercada policial e judicialmente, nom pudo ganhar mais transcendência social do que a proporcionada pelo tecido cultural e político alternativo em diversas zonas do Estado. Naquelas páginas, um Joám Carlos bem relacionado com a extrema-direita militar, esmorece irresponsável e investidor em negócios diversos, aproximava-se muito bem do estereótipo popular que sobre o rei tiveram as classes populares durante as experiências republicanas dos séculos XIX e XX.

A Monarquia nom se questiona

Mas nem só as versons mais nuas e cruas de Joám Carlos e a sua família som proscritas ou silenciadas. A possibilidade de surgir umha reivindicaçom antimonárquica atemoriza as elites políticas do Estado espanhol. Mesmo dirigentes ditos republicanos, como Gaspar



Joám Carlos foi nomeado por Franco. Na imagem juntos na última apariçom pública do ditador em Setembro de 1975.

Llamazares, actuam como monárquicos ao reverenciarem e seguem o protocolo característico da vida política nas grandes alturas do institucionalismo: felicitando 'à republicana' a nova filha da monarquia ou assumindo o carácter nom questionável da instituiçom ao se desmarcar das mobilizaçom populares a favor da IIIª República. Perante a iminente reforma constitucional, o PSOE confessava precisar do rápido apoio do PP para organizar um referendo no qual nom fosse posta em causa a figura dos bourbons. Procuraria-se plebiscitar um conjunto de temas candentes —reforma do senado, adesom à constituìçom europeia e possibilidade da herança feminina da coroa—, para evitar umha consulta popular que só inquirisse sobre

Na reforma constitucional, o PSOE confessava precisar do rápido apoio do PP para organizar um referendo no qual nom fosse posta em causa a figura dos Bourbons

a monarquia, dado o possível 'reativamente da mobilizaçom republicana' que se produziria a contínuaçom.

Independentismo e monarquia

Na Galiza, o mais intenso da reivindicaçom antimonárquica vem tingido de cores nacionais. Nom surpreende que sejam as forças independentistas as que mantem em pé um antimonarquismo que é associado à autodeterminaçom e à independência. No conjunto do campo independentista, fõrom a FPG e as suas estruturas afins as mais significadas nos últimos anos por umha maior fraseologia republicana, popularizando a expressom 'República galega' em multidom de mobilizaçom populares e comemoraçom do Dia da

Pátria. Quanto à visibilizaçom do choque com a monarquia, nom faltãrom os conflitos, sobretudo suscitados pola mocidade independentista. Nos últimos anos, absolutamente todas as mobilizaçom de rua coincidentes com a visita do rei espanhol à Galiza acabãrom com detidos ou feridos, em intervençom policiais sempre situadas na pura ilegalidade: detençom de militantes da AMI durante mais de vinte e quatro horas sem realizaçom de julgamento posterior, cerco policial de umha praça em Compostela impedindo a livre circulaçom de activistas, carga policial em Vigo durante a crise do Prestige e retençom e agressom a militantes de NÓS-UP na esquadra da polícia de Compostela coincidindo com umha visita de Joám Carlos em 2003. Neste último caso, todos os manifestantes foram sancionados com umha multa de 75 euros por berrarem consignas contra a monarquia.

Alguns sectores da esquerda espanhola já fam também ouvir a sua voz. Em Espanha, o Movimento pola IIIª República já tem tomado as ruas de Madrid ou, recentemente, de Salamanca, com relativo sucesso. Na Galiza, muito mais timidamente, através de ateneus republicanos, entre os quais salienta o da Corunha. Longe da presença na rua, as actividades que mormente os caracterizam som a organizaçom de palestras ou a comemoraçom de datas com grande conteúdo cívico.

Ao que parece, e apesar dos esforços das elites políticas, parte da sociedade civil vai fazer boiar a reivindicaçom antimonárquica no transcurso dos próximos anos.



OPINIOM

Monarquia e racismo

CELSE ALVAREZ CÁCCAMO

AGORA ASSISTIMOS A UMA RÉ-LEGITIMAÇÃO DESTES SISTEMA ANTIDEMOCRÁTICO POR PARTE DA PARTIDOCRACIA ESPANHOLA. ARGUMENTA-SE AMIÚDE QUE A MONARQUIA DEVE CONTINUAR PORQUE 'O POVO' ASSIM O QUER. PORÉM, NA MINHA HUMILDE OPINIÃO E EXPERIÊNCIA, O QUE A GENTE QUER É SIMPLEMENTE INDEPENDÊNCIA. O QUE QUER É A AUTODETERMINAÇÃO E INDEPENDÊNCIA VERDADEIRA, A DA MENTE, A LIBERDADE DE UNIÃO E DESUNIÃO EM TODOS OS NÍVEIS SEM FIGURAS PERENES DE AUTORIDADE, A LIBERTAÇÃO DO MATERIAL, A LIBERDADE DE ESCOLHER REPRESENTAÇÃO SE FIZER FALTA, DE AUTO-ORGANIZAÇÃO, DE EXERCER FORMAS DE RELAÇÃO LABORAL SEM EXPLORAÇÃO, A EMANCIPAÇÃO DESSA PRISÃO QUE É A DESIGUALDADE DIÁRIA

Como pode uma pessoa chamar-se socialista ou simplesmente progressista e defender o simplesmente aceitar a monarquia? Como pode alguém justificar com critérios democráticos que a máxima representação e poder de um Estado descansam sobre alguém que os obtém ou herda em virtude dos genes, da família, da classe social e do sexo? Digam os democratas, progressistas, socialistas e até comunistas todos que ainda há medo, sim, medo de falar, medo do exército (por exemplo), e compreenderei a sua posição. Mas não se justifiquem alegando que 'o povo' apoia a aberração monárquica, porque, segundo isto, o 'apoio do povo' também estaria por detrás do regime de Franco, do nazismo, de tantas aberrações como a clitoricotomia, a amputação das mãos, a pena de morte, o escravismo, a invasão de Afeganistão, a massacre das Torres Gémeas, a lapidação das adúlteras e o encarceramento de homossexuais. E o próprio capitalismo.

A realidade é que a monarquia espanhola actual se sustenta em princípios literalmente racistas que não deveriam ter lugar em nenhuma sociedade chamada democrática. Quando a ciência genética quer destacar a essencial igualdade dos seres humanos, quando categorias como 'raça' vão caindo nas fundas gavetas da história, numerosos territórios do mundo, entre eles a frágil amalgama chamada Reino de Espanha, ainda conservam formas de estado intrinsecamente racistas, quer dizer, fundamentadas na diferença genética. Porque o racismo não consiste só na discriminação por razão das características morfológicas das pessoas: o racismo consiste na classificação social da gente por critérios genéticos. Como o sexismo, o racismo não é uma ideologia só discriminatória, mas é em pri-

meiro lugar classificatória. Porém, a declinante categoria de 'raça' é apenas o trivial resultado da concentração relativa de um conjunto de traços fisionómicos activados por vulgares genes que se transmitem na copulação. Porquê este ordinário acaso pôde chegar a ter algum papel na organização hierárquica da humanidade moderna, é algo que só surpreendidos historiadores da utopia futura poderão abordar.

A racialização das pessoas não é uniforme nas diversas sociedades. Nos EUA, por exemplo, é 'negro' quem possui algo de 'sangue' de escravos africanos, pois, em geral, os descendentes da união entre 'brancos' europeus e escravas africanas (o caso mais frequente, fruto de relações impostas ou de violações) ficavam com o grupo de escravos e eram socialmente 'negros'. Consequência disto é a quase total correlação actual entre etnia afro-americana e classe baixa nos EUA. Em contraste, na Espanha colonizadora de América existia uma classificação escalar das 'raças' em função das percentagens específicas de 'sangue': havia negros (com ambos os progenitores 'negros'), mulatos (um 'negro', outro 'branco'), 'cuarterones' (só um dos quatro avós 'negro'), 'índios', 'mestizos', etc. No regime nazista, por sua parte, demonstrava-se oficialmente 'raça ária' com ter só os oito primeiros apelidos de origem germana. Parece que foi assim decidido por Hitler mesmo porque o seu nono apelido era judeu. No nazismo, o 'sangue judeu' limitava direitos ou condenava à morte, e o 'sangue ário' concedia privilégios. E assim por diante.

Com efeito, nos sistemas políticos racistas, como o do Reino de Espanha, a distribuição de 'sangue' e genes limita direitos ou concede privilégios aos cidadãos: o racismo está inscrito na própria Constituição que impôs a monar-

quia. O facto é que a Coroa, quer dizer, a chefatura vitalícia do Estado e todos os poderes e privilégios que esta acarreta, se herda em virtude dos genes, e portanto a Monarquia vulnera frontalmente o princípio da igualdade perante a lei. O possível herdeiro (ou, já agora, a possível herdeira) deve ter 'sangue' da gínea Borbón/Bourbon em Espanha, que, num dado momento, se fundiu, via Louis XIV Dieudonné de France, com genes da meia-irmã de Carlos II 'el Hechizado' María Teresa de Espanha, da rama Habsburg ou Áustria, descendente portanto de Philipp I von Habsburg 'el Hermoso' e de Juana I de Aragón 'la Loca'. Juan Carlos de Borbón, Felipe de Borbón e Leonor de Borbón y Ortiz são, portanto, descendentes directos dos Reyes Católicos, do Imperador Maximiliano I de Áustria e de Henri IV de Bourbon, entre outros. Vamos, como um sapateiro da Rua Real da Corunha ou uma limpadora da Rua Príncipe de Vigo.

Sabemos que na história dos Borbón e dos Habsburg houve grande endogamia, por mor de garantir o controlo dos domínios e a unidade do grupo genético que poderia herdá-los. Que na gínea Borbón actual haja mistura de genes e apelidos não empece a base racista da monarquia espanhola: É a presença de 'sangue' Borbón que valida o privilégio (não "direito"!) à herança da Chefatura vitalícia do Estado, enquanto a presença de outro "sangue" (Ortiz, por exemplo) não invalida este privilégio.

Agora assistimos a uma ré-legitimação deste sistema antidemocrático por parte da partidocracia espanhola. Argumenta-se amiúde que a Monarquia deve continuar porque 'o povo' assim o quer. Porém, na minha humilde opinião e experiência, o que a gente quer é simplesmente indepen-



João Carlos assina a Constituição espanhola, enquanto o seu herdeiro observa

dência. O que quer é a autodeclaração e independência verdadeira, a da mente, a liberdade de união e desunião em todos os níveis sem figuras perenes de autoridade, a libertação do material, a liberdade de escolher representação se fizer falta, de auto-organização, de exercer formas de relação laboral sem exploração, a emancipação dessa prisão que é a desigualdade diária. A emancipação que no meu velho e estranho vocabulário é sinónimo de autogestão livre e colectiva.

E uma coisa parece certa: com Monarquia, emanada dum princípio discriminatório fundacional, nunca haverá tal independência da gente. Sem ela, já se verá. Mas é uma irresponsabilidade, até do independentismo galego, pensar que a forma de estado de Espanha não deve ser uma prioridade política porque é assunto de outro "povo". Isto seria não compreen-

der a natureza da dominação política na Galiza. A Coroa garante constitucionalmente a unidade de "Espanha". Essa é a sua função primordial. E o exército é o seu braço armado. A pretensa "concessão" feita ao regime monárquico pela partidocracia espanhola há agora 30 anos já chegou longe demais. Sob o regime monárquico espanhol, um processo soberanista galego não tem qualquer hipótese de sucesso. Infelizmente, penso que só sem monarquia em Espanha se poderiam abrir as portas à soberania dos súbditos (falo em tecidos sociais reais, não em 'essências' étnicas também geneticistas) que agora constituem o que se chama a Galiza.

Desde qualquer concepção da liberdade, interrogar publicamente e com intensidade o regime monárquico espanhol deveria ser uma prioridade.

CULTURA

PINTURA

Fernando Arenaz, pintor: “A arte nom está aí para alguém gostar dela; está aí e chega”

DANIEL SALGADO / “Nom há, nom existe o material bastardo. O pintor tem que dignificar tudo, até a merda. Porque a arte nom está aí para alguém gostar dela. Está aí e chega”. E o pintor Fernando Arenaz procede dessa margem onde a arte está e basta. Os cômaros que guardam a amplitude precisa para a açom livre. O lugar fora “dos jogos de poder que ordenam os espaços institucionais da arte”. Um lugar que também pode ser a galeria Arcana, em Vila Garcia de Arouxa, sob a maõ generosa do poeta Anxo Pastor e adscrita à independência. A recolhida estância abeirou-nos durante o mês de Outubro a mostra de Arenaz, 7 desenhos e 6 obras mistas, ‘Areté’.

A palavra de ordem da exposição remete para a Grécia clássica. Arenaz explica que o material pendurado nas paredes de Arcana parte de “questionar a função da pintura e, daquela, prende-se com o conceito de ‘areté’ segundo Sócrates: o dom é conhecimento”. A outra leitura de ‘Areté’ traça o diário pessoal de umha viagem à Grécia contemporânea. Pintura da experiência. Este olhar sobre a obra é, nas palavras do autor, “mais superficial mas, contudo, para mim, é avondo”.

A arte sem fechaduras defendida por Fernando Arenaz protesta contra o olho estreito de quem ainda se permite desenhar o rego que arrede alta cultura de cultura popular. “A primeira estética que me impressionou, da qual eu, orgulhosamente, venho como pintor, é a das capas dos elepés de The Clash ou de The Damned, do punk”, explica. Logo, o artista reconhece dívidas com o dadaísmo “sobretudo o grupo alemão e, em especial,



Arenaz afirma que a colagem é a sua arma para enfrentar o quadro

Kurt Schwitters”, o homem alemão que dixo “a última palavra verbo do dadaísmo”, interessase polo cubismo analítico e alimenta-se, com o peito erguido, do popular e da cultura de massas. Arenaz volta por Andy Warhol e considera o artista esta-

do-unidense “o retratista de corte do século XX; nom houvo personalidade que nom pintase”. “De qualquer modo, a posteriori podes encontrar a relação de quase tudo com a visom própria”, conclui.

Num exercício de coerência entre arsenal estético e método de praxe, o pintor Arenaz assegura que “a colagem é a minha arma para enfrentar o quadro”. “Apesar de –acrescenta– haver quem, depois de tudo o que se moveu na história das artes, nom conceba, nom admita, certas propostas em galerias comerciais”. O Arenaz pintor que se estende na galeria Arcana mostra, assim, um registo dilatado contra a convencionalidade complacente que ainda domina mesmo certas zonas limite da arte.

A arte sem fechaduras defendida por Arenaz protesta contra o olho estreito de quem se permite desenhar o rego que arrede alta cultura de cultura popular

ENTRE LINHAS

O Regresso a Arder. Viagem ao Cabo Nom/3

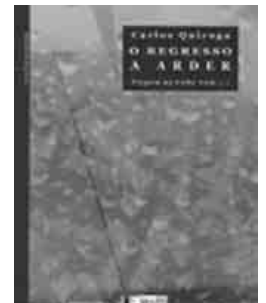
CARLOS FIGUEIRAS

O *Regresso a Arder. Viagem ao Cabo Nom/3*, publicado em parceria pela Associação Galega da Língua e a editora portuguesa Quasi Edições, representa uma nova iniciativa de colaboração editorial transfronteiriça que continua o caminho aberto com a publicação em 2002 de *A Espera Crepuscular. Viagem ao Cabo Nom/1* pela editora galega Latiovento e a Quasi.

Carlos Quiroga é Professor Titular de Literatura Portuguesa na Universidade de Santiago de Compostela e director da revista *Agália*, da Associação Galega da Língua. Deu-se a conhecer em 1999 com as publicações do livro de poemas *Gong* e da narrativa *Periferias*, ganhadora do prémio Carvalho Calero. Foi também director da revista *O Mono da Tinta* e bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, do ICALP e da Università Italiana per Stranieri e é autor de uma importante produção académica e de crítica literária.

O Regresso a Arder representa a afirmação de uma estética, de uma qualidade estética, uma vontade de estilo, a confirmação do livro como obra de arte em todas as suas dimensões na produção do Carlos Quiroga; da palavra escrita à voz sugerida, do texto à fotografia, da disposição do verso à ordenação do índice, tudo é surpreendente nele para o leitor/observador da obra.

É certo que para os que já sabem da existência de *A Espera Crepuscular* a surpresa inicial ante a presença física do livro é se calhar menor... mas é aí que aparece o realmente novo para



Capa do livro de Carlos Quiroga

eles, conserva-se a estética mas evoluem as vozes, as novas velhas vozes que voltam da viagem... que olham para a terra e que a vivem e a analisam esfaleando-a entre os dedos. É este um livro de retorno e de verdade, ou de maneira de entender a verdade, ou de negação da verdade, ou de inexistência da verdade absoluta ou de olhar para o retorno à terra que se faz presente não estático do final da viagem. É uma sensação assim, de introspecção sentimental e discurso público combinados, a que produzem os versos e as vozes narrativas que caminham por cima das fotografias para acabar no intenso monólogo final “*Surrealistas nós! -Exercícios de Olhar do Lusismo Galego*”, em que a voz narrativa nos oferece uma reflexão terrivelmente lúcida sobre a Galiza (político-económico-cultural) em que vive(mos) e sobre o significado da postura reintegracionista.

De resto, a palavra valorativa quase que está a mais e só restam as leituras e o pensar. Afinal é isso o que resume a essência deste livro do Carlos Quiroga, ler e pensar, ler e pensar.



TEATRO

Roberto Vidal Bolanho, na distancia

MARTA SALGUEIRO

PODO FALAR DO VIDAL BOLANHO DRAMATURGO, INOVADOR, AGITADOR, CRIADOR E DESENHADOR DE MUNDOS, PROFUNDAMENTE GALEGO

Compostela homenageou Roberto Vidal Bolaño. Os doentes voltáron a saír ás ruas da cidade com o traballo desinteresado de actores e actrices, técnicos... o mundo da cultura en Santiago quixo lembrar que Vidal Bolanho continua na memoria.

Muitos amigos, amigas, familiares do actor, dramaturgo e director galego impregnáron novamente a velha Compostela com o olhar de Bolanho, o cronista nom oficial de Santiago...

Nom conhecim Roberto Vidal Bolanho, pessoa. Nom sei o que significou para os seus, desconhego se era boa pessoa, excéntrico, confiado ou desconfiado. Sim conhego e podo falar do Vidal Bolanho dramaturgo, inovador, agitador, criador e desenhador de mundos, profundamente galego.

A primeira referencia de Roberto Vidal Bolanho chegou na adolescencia. Tivem a grande sorte, que apreciaria anos depois, de estudar no Liceu Outeiro Pedralho, sendo os meus profesores Carlos Couceiro e Begoña Muñoz. Obrigada. Ambos descubriron perante mim o primeiro Vidal Bolanho. Foi a primeira aproximacion. Essa



que acomete umha adolescente que começa a descubrir com surpresa e paixom, de emigrada retornada, que a Galiza é Pais.

A segunda aproximacion viria com os anos e a percepçom de que existia um teatro galego, próprio, dinámico, com ideias confrontadas, com visons diferentes, mas um teatro nacional. Foi entom quando a Galiza se fijo perante mim Naçom.

E essa concepçom de naçom, plural, confrontada sistematicamente consigo mesma, essa naçom viva fora de ataduras formais e definitórias, eu descubrim-na com Bolanho.

Abriu diante de mim Rosalia de Castro, Outeiro Pedralho, mas também os presos e presas nacionalistas, a igreja e até as misérias do teatro e dos teatros. Abriu perante mim a Galiza. É por isso que digo: nom conhecim Roberto Vidal Bolanho, mas conhecim o Vidal Bolanho de As Actas Escuras, de Agasalho de Sombras. O Vidal Bolanho de Saxo Tenor ou de Dias sem Glória.

Compostela homenageou o seu cidadao. A Galiza deveria homenagear aqueles e aquelas que a fam naçom plural, ampla, combativa e comprometida. Como Roberto Vidal Bolanho.

POLOS OLHOS DE... Marica Campo

UM LIVRO:

Follas Novas, porque o considero um livro inaugural e tam polissémico que verdadeiramente nunca se acaba de ler. Fora daqui, o *Cuarteto de Alejandria*, porque é um livro que leva a imaginar muito mais do que conta; porque, acabado, continua o mistério de uns lugares e umhas personagens fascinantes.

UM DISCO:

Les introuvables de Jacqueline du Pré. Sou umha apaixonada do violoncelo e os quatro discos deste estojo recolhem música que me é mui querida (Elgar, Delius, Saint-Saëns, Haydn, Haendel, Beethoven). O problema é que verdadeiramente som 'introuvables' porque eu aguardei mais de oito meses para que me localizassem este estojo.

UM WEB:

É-me mais difícil escolher porque o meu uso da Internet é mais limitado. De qualquer maneira, varrendo para a casa, recomendo a de um meu cunhado que tem o defeito de nom estar toda em galego. Mas tem muitos recursos. É baiburrillo.net.

PORTAL GALEGO DA LINGUA (www.agal-gz.org)

A lingua é imaterial

MIGUEL R. PENAS

PORQUE OS MESMOS QUE APOIAM E PROMOVEM A CANDIDATURA NOM RECONHECEM DESDE JÁ QUE A NORMALIZACOM DO GALEGO PASSA POR UMHA NORMALIZACOM DAS RELACONS COM AS FALAS PORTUGUESAS?

No próximo dia 25 de Novembro a UNESCO decidirá se aprova ou nom a candidatura galego-portuguesa para que o nossa cultura seja reconhecida como Obra Prima do Património Oral e Imaterial da Humanidade. Umha candidatura que nasce como umha iniciativa da sociedade civil, superando mesmo as fronteiras políticas. O colectivo Ponte nas... Ondas! foi o principal impulsionador e protagonista da iniciativa. Hoje já som muitos e muito importantes os promotores, podendo-se encontrar entre eles diversas instituicons galegas e mesmo os meios de comunicacion públicos, a TVG e a Rádio Galega. Porém, se social e oficialmente se reconhece que galegos e portugueses temos as mesmas tradiçons orais, que o nosso património imaterial é comum

e que em definitivo compartilhamos umha mesma cultura... entom porquê nom dar o passo e reconhecer que a lingua também é a mesma? Porque os mesmos que apoiam e promovem a candidatura nom reconhecem desde já que a normalizacom do galego passa por umha normalizacom das relaçons com as falas portuguesas? O certo é que se a sociedade tivesse a mesma abertura de mente para o tema da lingua como para o tema do património imaterial teríamos avançado muito. Só temos muito a ganhar e nada a perder, porque o português de hoje é umha criaçom (e umha evoluçom) do galego de ontem. A lingua é a base do património oral e imaterial e é absurdo que a mesma tradiçom oral tenha de ser escrita em dous códigos diferentes e em duas ortografias divergentes.

ARROZ COM CHÍCHAROS

Refojado de verduras

MIGUEL BURROS / Ingredientes :

2 cebolas; 4 batatas; 2 cenouras; 1 cabeça pequena de couve-flor; 375 gm. de feijons verdes; 2 pimentos; 6 dentes de alho; 2 colheres de sopa de gengibre Meia colher de chá de cúrcuma; 125 ml. de azeite; 375 ml. de caldo ou água

Limpam-se as verduras. Picam-se as cebolas. Cortam-seas batatas em dados de 2 cm. Esmigalha-se a couve-flor. Cortam-se os feijons verdes em pedacinhos de 1 cm. Cortam-se ospimentos em tiras e as cenou-

ras em toradas medianas. Picam-se juntos os alhos e o gengibre. Numha frigideirapom-se o azeite a aquecer. Quando estiver quente, incorporam-seas cebolas e as batatas. Cozem-se até que a batatacozmece a abrandar. Pnhem-se os alhos, a cúrcuma e ogengibre e misturam-se. A continuaçom acrescentam-se os feijons verdes, os pimentos e as cenouras. Refogam-se durantecinco minutos, acrescentam-se o caldo e a couve-flor eozem-se até que as verduras estejam tenras.

Soluçons TEMPOS LIVRES:

1963-1965
DESCOBER O QUE SAIBES: Soluções: 1. Crecia; 2. José Martí; 3. Woody Allen; 4. Curdistán; 5. Skárinne; 6. // 11. Intercontinental // 13a. - Oregón // 14. - desastre // 15. - Amozons.
// 16. - espore; // 17. - virmos; // 18. - (serro); // 19. - (serro); // 100. - Ebanu.
Verdehal-1a. - (O) Marichal-1b. - (Am) Muro; // 2. - (P) // 3. - nesunho; // 4. - artices; // 5. - mo-
Posto-12b. - Bb. // 13. - caravanchiro; // 14. - (O) // 15. - (O) // 16. - (O) // 17. - (O) // 18. - (O) // 19. - (O) // 20. - (O) // 21. - (O) // 22. - (O) // 23. - (O) // 24. - (O) // 25. - (O) // 26. - (O) // 27. - (O) // 28. - (O) // 29. - (O) // 30. - (O) // 31. - (O) // 32. - (O) // 33. - (O) // 34. - (O) // 35. - (O) // 36. - (O) // 37. - (O) // 38. - (O) // 39. - (O) // 40. - (O) // 41. - (O) // 42. - (O) // 43. - (O) // 44. - (O) // 45. - (O) // 46. - (O) // 47. - (O) // 48. - (O) // 49. - (O) // 50. - (O) // 51. - (O) // 52. - (O) // 53. - (O) // 54. - (O) // 55. - (O) // 56. - (O) // 57. - (O) // 58. - (O) // 59. - (O) // 60. - (O) // 61. - (O) // 62. - (O) // 63. - (O) // 64. - (O) // 65. - (O) // 66. - (O) // 67. - (O) // 68. - (O) // 69. - (O) // 70. - (O) // 71. - (O) // 72. - (O) // 73. - (O) // 74. - (O) // 75. - (O) // 76. - (O) // 77. - (O) // 78. - (O) // 79. - (O) // 80. - (O) // 81. - (O) // 82. - (O) // 83. - (O) // 84. - (O) // 85. - (O) // 86. - (O) // 87. - (O) // 88. - (O) // 89. - (O) // 90. - (O) // 91. - (O) // 92. - (O) // 93. - (O) // 94. - (O) // 95. - (O) // 96. - (O) // 97. - (O) // 98. - (O) // 99. - (O) // 100. - (O) // 101. - (O) // 102. - (O) // 103. - (O) // 104. - (O) // 105. - (O) // 106. - (O) // 107. - (O) // 108. - (O) // 109. - (O) // 110. - (O) // 111. - (O) // 112. - (O) // 113. - (O) // 114. - (O) // 115. - (O) // 116. - (O) // 117. - (O) // 118. - (O) // 119. - (O) // 120. - (O) // 121. - (O) // 122. - (O) // 123. - (O) // 124. - (O) // 125. - (O) // 126. - (O) // 127. - (O) // 128. - (O) // 129. - (O) // 130. - (O) // 131. - (O) // 132. - (O) // 133. - (O) // 134. - (O) // 135. - (O) // 136. - (O) // 137. - (O) // 138. - (O) // 139. - (O) // 140. - (O) // 141. - (O) // 142. - (O) // 143. - (O) // 144. - (O) // 145. - (O) // 146. - (O) // 147. - (O) // 148. - (O) // 149. - (O) // 150. - (O) // 151. - (O) // 152. - (O) // 153. - (O) // 154. - (O) // 155. - (O) // 156. - (O) // 157. - (O) // 158. - (O) // 159. - (O) // 160. - (O) // 161. - (O) // 162. - (O) // 163. - (O) // 164. - (O) // 165. - (O) // 166. - (O) // 167. - (O) // 168. - (O) // 169. - (O) // 170. - (O) // 171. - (O) // 172. - (O) // 173. - (O) // 174. - (O) // 175. - (O) // 176. - (O) // 177. - (O) // 178. - (O) // 179. - (O) // 180. - (O) // 181. - (O) // 182. - (O) // 183. - (O) // 184. - (O) // 185. - (O) // 186. - (O) // 187. - (O) // 188. - (O) // 189. - (O) // 190. - (O) // 191. - (O) // 192. - (O) // 193. - (O) // 194. - (O) // 195. - (O) // 196. - (O) // 197. - (O) // 198. - (O) // 199. - (O) // 200. - (O) // 201. - (O) // 202. - (O) // 203. - (O) // 204. - (O) // 205. - (O) // 206. - (O) // 207. - (O) // 208. - (O) // 209. - (O) // 210. - (O) // 211. - (O) // 212. - (O) // 213. - (O) // 214. - (O) // 215. - (O) // 216. - (O) // 217. - (O) // 218. - (O) // 219. - (O) // 220. - (O) // 221. - (O) // 222. - (O) // 223. - (O) // 224. - (O) // 225. - (O) // 226. - (O) // 227. - (O) // 228. - (O) // 229. - (O) // 230. - (O) // 231. - (O) // 232. - (O) // 233. - (O) // 234. - (O) // 235. - (O) // 236. - (O) // 237. - (O) // 238. - (O) // 239. - (O) // 240. - (O) // 241. - (O) // 242. - (O) // 243. - (O) // 244. - (O) // 245. - (O) // 246. - (O) // 247. - (O) // 248. - (O) // 249. - (O) // 250. - (O) // 251. - (O) // 252. - (O) // 253. - (O) // 254. - (O) // 255. - (O) // 256. - (O) // 257. - (O) // 258. - (O) // 259. - (O) // 260. - (O) // 261. - (O) // 262. - (O) // 263. - (O) // 264. - (O) // 265. - (O) // 266. - (O) // 267. - (O) // 268. - (O) // 269. - (O) // 270. - (O) // 271. - (O) // 272. - (O) // 273. - (O) // 274. - (O) // 275. - (O) // 276. - (O) // 277. - (O) // 278. - (O) // 279. - (O) // 280. - (O) // 281. - (O) // 282. - (O) // 283. - (O) // 284. - (O) // 285. - (O) // 286. - (O) // 287. - (O) // 288. - (O) // 289. - (O) // 290. - (O) // 291. - (O) // 292. - (O) // 293. - (O) // 294. - (O) // 295. - (O) // 296. - (O) // 297. - (O) // 298. - (O) // 299. - (O) // 300. - (O) // 301. - (O) // 302. - (O) // 303. - (O) // 304. - (O) // 305. - (O) // 306. - (O) // 307. - (O) // 308. - (O) // 309. - (O) // 310. - (O) // 311. - (O) // 312. - (O) // 313. - (O) // 314. - (O) // 315. - (O) // 316. - (O) // 317. - (O) // 318. - (O) // 319. - (O) // 320. - (O) // 321. - (O) // 322. - (O) // 323. - (O) // 324. - (O) // 325. - (O) // 326. - (O) // 327. - (O) // 328. - (O) // 329. - (O) // 330. - (O) // 331. - (O) // 332. - (O) // 333. - (O) // 334. - (O) // 335. - (O) // 336. - (O) // 337. - (O) // 338. - (O) // 339. - (O) // 340. - (O) // 341. - (O) // 342. - (O) // 343. - (O) // 344. - (O) // 345. - (O) // 346. - (O) // 347. - (O) // 348. - (O) // 349. - (O) // 350. - (O) // 351. - (O) // 352. - (O) // 353. - (O) // 354. - (O) // 355. - (O) // 356. - (O) // 357. - (O) // 358. - (O) // 359. - (O) // 360. - (O) // 361. - (O) // 362. - (O) // 363. - (O) // 364. - (O) // 365. - (O) // 366. - (O) // 367. - (O) // 368. - (O) // 369. - (O) // 370. - (O) // 371. - (O) // 372. - (O) // 373. - (O) // 374. - (O) // 375. - (O) // 376. - (O) // 377. - (O) // 378. - (O) // 379. - (O) // 380. - (O) // 381. - (O) // 382. - (O) // 383. - (O) // 384. - (O) // 385. - (O) // 386. - (O) // 387. - (O) // 388. - (O) // 389. - (O) // 390. - (O) // 391. - (O) // 392. - (O) // 393. - (O) // 394. - (O) // 395. - (O) // 396. - (O) // 397. - (O) // 398. - (O) // 399. - (O) // 400. - (O) // 401. - (O) // 402. - (O) // 403. - (O) // 404. - (O) // 405. - (O) // 406. - (O) // 407. - (O) // 408. - (O) // 409. - (O) // 410. - (O) // 411. - (O) // 412. - (O) // 413. - (O) // 414. - (O) // 415. - (O) // 416. - (O) // 417. - (O) // 418. - (O) // 419. - (O) // 420. - (O) // 421. - (O) // 422. - (O) // 423. - (O) // 424. - (O) // 425. - (O) // 426. - (O) // 427. - (O) // 428. - (O) // 429. - (O) // 430. - (O) // 431. - (O) // 432. - (O) // 433. - (O) // 434. - (O) // 435. - (O) // 436. - (O) // 437. - (O) // 438. - (O) // 439. - (O) // 440. - (O) // 441. - (O) // 442. - (O) // 443. - (O) // 444. - (O) // 445. - (O) // 446. - (O) // 447. - (O) // 448. - (O) // 449. - (O) // 450. - (O) // 451. - (O) // 452. - (O) // 453. - (O) // 454. - (O) // 455. - (O) // 456. - (O) // 457. - (O) // 458. - (O) // 459. - (O) // 460. - (O) // 461. - (O) // 462. - (O) // 463. - (O) // 464. - (O) // 465. - (O) // 466. - (O) // 467. - (O) // 468. - (O) // 469. - (O) // 470. - (O) // 471. - (O) // 472. - (O) // 473. - (O) // 474. - (O) // 475. - (O) // 476. - (O) // 477. - (O) // 478. - (O) // 479. - (O) // 480. - (O) // 481. - (O) // 482. - (O) // 483. - (O) // 484. - (O) // 485. - (O) // 486. - (O) // 487. - (O) // 488. - (O) // 489. - (O) // 490. - (O) // 491. - (O) // 492. - (O) // 493. - (O) // 494. - (O) // 495. - (O) // 496. - (O) // 497. - (O) // 498. - (O) // 499. - (O) // 500. - (O) // 501. - (O) // 502. - (O) // 503. - (O) // 504. - (O) // 505. - (O) // 506. - (O) // 507. - (O) // 508. - (O) // 509. - (O) // 510. - (O) // 511. - (O) // 512. - (O) // 513. - (O) // 514. - (O) // 515. - (O) // 516. - (O) // 517. - (O) // 518. - (O) // 519. - (O) // 520. - (O) // 521. - (O) // 522. - (O) // 523. - (O) // 524. - (O) // 525. - (O) // 526. - (O) // 527. - (O) // 528. - (O) // 529. - (O) // 530. - (O) // 531. - (O) // 532. - (O) // 533. - (O) // 534. - (O) // 535. - (O) // 536. - (O) // 537. - (O) // 538. - (O) // 539. - (O) // 540. - (O) // 541. - (O) // 542. - (O) // 543. - (O) // 544. - (O) // 545. - (O) // 546. - (O) // 547. - (O) // 548. - (O) // 549. - (O) // 550. - (O) // 551. - (O) // 552. - (O) // 553. - (O) // 554. - (O) // 555. - (O) // 556. - (O) // 557. - (O) // 558. - (O) // 559. - (O) // 560. - (O) // 561. - (O) // 562. - (O) // 563. - (O) // 564. - (O) // 565. - (O) // 566. - (O) // 567. - (O) // 568. - (O) // 569. - (O) // 570. - (O) // 571. - (O) // 572. - (O) // 573. - (O) // 574. - (O) // 575. - (O) // 576. - (O) // 577. - (O) // 578. - (O) // 579. - (O) // 580. - (O) // 581. - (O) // 582. - (O) // 583. - (O) // 584. - (O) // 585. - (O) // 586. - (O) // 587. - (O) // 588. - (O) // 589. - (O) // 590. - (O) // 591. - (O) // 592. - (O) // 593. - (O) // 594. - (O) // 595. - (O) // 596. - (O) // 597. - (O) // 598. - (O) // 599. - (O) // 600. - (O) // 601. - (O) // 602. - (O) // 603. - (O) // 604. - (O) // 605. - (O) // 606. - (O) // 607. - (O) // 608. - (O) // 609. - (O) // 610. - (O) // 611. - (O) // 612. - (O) // 613. - (O) // 614. - (O) // 615. - (O) // 616. - (O) // 617. - (O) // 618. - (O) // 619. - (O) // 620. - (O) // 621. - (O) // 622. - (O) // 623. - (O) // 624. - (O) // 625. - (O) // 626. - (O) // 627. - (O) // 628. - (O) // 629. - (O) // 630. - (O) // 631. - (O) // 632. - (O) // 633. - (O) // 634. - (O) // 635. - (O) // 636. - (O) // 637. - (O) // 638. - (O) // 639. - (O) // 640. - (O) // 641. - (O) // 642. - (O) // 643. - (O) // 644. - (O) // 645. - (O) // 646. - (O) // 647. - (O) // 648. - (O) // 649. - (O) // 650. - (O) // 651. - (O) // 652. - (O) // 653. - (O) // 654. - (O) // 655. - (O) // 656. - (O) // 657. - (O) // 658. - (O) // 659. - (O) // 660. - (O) // 661. - (O) // 662. - (O) // 663. - (O) // 664. - (O) // 665. - (O) // 666. - (O) // 667. - (O) // 668. - (O) // 669. - (O) // 670. - (O) // 671. - (O) // 672. - (O) // 673. - (O) // 674. - (O) // 675. - (O) // 676. - (O) // 677. - (O) // 678. - (O) // 679. - (O) // 680. - (O) // 681. - (O) // 682. - (O) // 683. - (O) // 684. - (O) // 685. - (O) // 686. - (O) // 687. - (O) // 688. - (O) // 689. - (O) // 690. - (O) // 691. - (O) // 692. - (O) // 693. - (O) // 694. - (O) // 695. - (O) // 696. - (O) // 697. - (O) // 698. - (O) // 699. - (O) // 700. - (O) // 701. - (O) // 702. - (O) // 703. - (O) // 704. - (O) // 705. - (O) // 706. - (O) // 707. - (O) // 708. - (O) // 709. - (O) // 710. - (O) // 711. - (O) // 712. - (O) // 713. - (O) // 714. - (O) // 715. - (O) // 716. - (O) // 717. - (O) // 718. - (O) // 719. - (O) // 720. - (O) // 721. - (O) // 722. - (O) // 723. - (O) // 724. - (O) // 725. - (O) // 726. - (O) // 727. - (O) // 728. - (O) // 729. - (O) // 730. - (O) // 731. - (O) // 732. - (O) // 733. - (O) // 734. - (O) // 735. - (O) // 736. - (O) // 737. - (O) // 738. - (O) // 739. - (O) // 740. - (O) // 741. - (O) // 742. - (O) // 743. - (O) // 744. - (O) // 745. - (O) // 746. - (O) // 747. - (O) // 748. - (O) // 749. - (O) // 750. - (O) // 751. - (O) // 752. - (O) // 753. - (O) // 754. - (O) // 755. - (O) // 756. - (O) // 757. - (O) // 758. - (O) // 759. - (O) // 760. - (O) // 761. - (O) // 762. - (O) // 763. - (O) // 764. - (O) // 765. - (O) // 766. - (O) // 767. - (O) // 768. - (O) // 769. - (O) // 770. - (O) // 771. - (O) // 772. - (O) // 773. - (O) // 774. - (O) // 775. - (O) // 776. - (O) // 777. - (O) // 778. - (O) // 779. - (O) // 780. - (O) // 781. - (O) // 782. - (O) // 783. - (O) // 784. - (O) // 785. - (O) // 786. - (O) // 787. - (O) // 788. - (O) // 789. - (O) // 790. - (O) // 791. - (O) // 792. - (O) // 793. - (O) // 794. - (O) // 795. - (O) // 796. - (O) // 797. - (O) // 798. - (O) // 799. - (O) // 800. - (O) // 801. - (O) // 802. - (O) // 803. - (O) // 804. - (O) // 805. - (O) // 806. - (O) // 807. - (O) // 808. - (O) // 809. - (O) // 810. - (O) // 811. - (O) // 812. - (O) // 813. - (O) // 814. - (O) // 815. - (O) // 816. - (O) // 817. - (O) // 818. - (O) // 819. - (O) // 820. - (O) // 821. - (O) // 822. - (O) // 823. - (O) // 824. - (O) // 825. - (O) // 826. - (O) // 827. - (O) // 828. - (O) // 829. - (O) // 830. - (O) // 831. - (O) // 832. - (O) // 833. - (O) // 834. - (O) // 835. - (O) // 836. - (O) // 837. - (O) // 838. - (O) // 839. - (O) // 840. - (O) // 841. - (O) // 842. - (O) // 843. - (O) // 844. - (O) // 845. - (O) // 846. - (O) // 847. - (O) // 848. - (O) // 849. - (O) // 850. - (O) // 851. - (O) // 852. - (O) // 853. - (O) // 854. - (O) // 855. - (O) // 856. - (O) // 857. - (O) // 858. - (O) // 859. - (O) // 860. - (O) // 861. - (O) // 862. - (O) // 863. - (O) // 864. - (O) // 865. - (O) // 866. - (O) // 867. - (O) // 868. - (O) // 869. - (O) // 870. - (O) // 871. - (O) // 872. - (O) // 873. - (O) // 874. - (O) // 875. - (O) // 876. - (O) // 877. - (O) // 878. - (O) // 879. - (O) // 880. - (O) // 881. - (O) // 882. - (O) // 883. - (O) // 884. - (O) // 885. - (O) // 886. - (O) // 887. - (O) // 888. - (O) // 889. - (O) // 890. - (O) // 891. - (O) // 892. - (O) // 893. - (O) // 894. - (O) // 895. - (O) // 896. - (O) // 897. - (O) // 898. - (O) // 899. - (O) // 900. - (O) // 901. - (O) // 902. - (O) // 903. - (O) // 904. - (O) // 905. - (O) // 906. - (O) // 907. - (O) // 908. - (O) // 909. - (O) // 910. - (O) // 911. - (O) // 912. - (O) // 913. - (O) // 914. - (O) // 915. - (O) // 916. - (O) // 917. - (O) // 918. - (O) // 919. - (O) // 920. - (O) // 921. - (O) // 922. - (O) // 923. - (O) // 924. - (O) // 925. - (O) // 926. - (O) // 927. - (O) // 928. - (O) // 929. - (O) // 930. - (O) // 931. - (O) // 932. - (O) // 933. - (O) // 934. - (O)

DE BASE

Auruxeira, associação juvenil chairega:

“Aprender a trabalhar em equipa é fundamental para o funcionamento de qualquer sociedade”

GERARDO UZ / Há dez anos que trabalham sem descanso pola dinamização cultural do concelho da Pastoriza - e nom só- organizando colóquios, jogos, obradoiros de actividades, certames de conto, de poesia ou de desenho nas escolas... mas som fundamentalmente conhecidos por terem tido a ideia de ressuscitar na freguesia de Bretonha umha festividade da Idade do Ferro, o Lugnasad, com bastante mais sucesso entre os 'forasteiros' do que entre "os indígenas". Milagros Alvite, presidenta de Auruxeira, conversa para o NOVAS DA GALIZA sobre o passado, presente e futuro da associação.

A associação juvenil *Auruxeira* nasceu há dez anos na sequência da festa celta do *Lugnasad*. “Essa foi a primeira actividade que organizamos, e a partir daí formalizamos a associação e organizamos outras actividades”, explica Milagros.

A ideia original do Lugnasad sugerira-lha Manuel Aneiros, 'Aneiros dos Ártabros', que já havia tempo que estava a organizar-lha noutras zonas. “Propuimos organizarmos umha festa de época ao estilo medieval, mas ambientada na Idade do Ferro galega”, com a intenção de recuperarem de um jeito lúdico-didáctico tal momento histórico cujo único precedente conhecido era a Festa Castreja de Junqueira de Ambia, “com a qual tomamos contacto após a primeira edição”. O nome “propujo-no-lo Aneiros” pois era com esse termo irlandês que se denominava a festa do Verao celta, que se poderia traduzir como 'as festas do deus Lugh'. Decidírom adoptá-lo por nom terem constância da existência de qualquer outro nome no nosso país e também em homenagem a alguns paralelismos históricos, culturais e sociais entre a ilha verde e a Galiza.

O sucesso da festa foi maior fora do que dentro de Bretonha. “Quem costuma dar-lhe menor atenção som os 'indígenas', que ainda dam às vezes algo de trabalho”, queixa-se Milagros ao mesmo tempo que explica que, como os vizinhos já som



O Lugnasad organiza-o Auruxeira desde o 1996

'celtas', “nom é, para eles, demasiado engraçada a festa”, polo que aponta que talvez deveriam reorientá-la para cumprir o objectivo didáctico original e para o que contam com a colaboração de arqueólogos, historiadores, museus como os de Vila Donga e Lugo ou arteiros especialistas em reproduções de época.

Outras actividades organizadas pola associação som colóquios, jogos celtas, uma versom do samaim ou certames de conto, de poesia e desenho nos Centros de Ensino Infantil e Primário das freguesias de Bretonha e da Pastoriza. Na opinião de Milagros, se calhar é demasiada oferta de actividades para a procura existente, pois “a gente nom participa demasiado”. Até o momento, o Concelho colabora, mas de jeito

exíguo, polo que também colaboram empresas da zona, se bem que o grosso do esforço o fagam eles, vendendo artigos como camisolas ou cerâmica para juntarem dinheiro.

Para além do económico, tem Auruxeira um problema muito freqüente no associacionismo de base, que é a falta de tempo dos membros, porque “a maioria trabalham fora de Bretonha”. Porém, Milagros oferece uma razão pola que continuar o trabalho: o associacionismo. “Aprender a trabalhar em equipa é fundamental para o funcionamento correcto de qualquer sociedade, mais ainda nos tempos em que vivemos”, mas também “divulgar e dignificar aspectos tam desvalorizados como a cultura, a língua ou o entorno natural entre a gente do nosso país”.

TEMPOS LIVRES

PALAVRAS CRUZADAS, por Alexandre Fernandes.

★	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
1															
2															
3															
4															
5															
6															
7															
8															
9															
10															
11															
12															
13															
14															
15															

HORIZONTAIS: 1a.- Vila do Morraço que fede que alcatreia por culpa da ENGE; 1b.- Director da Agalia e destacado escritor, recente ganhador do Prémio Carvalho Calero de criação literária/Vale da infância de Guerra da Cal. // 2.- Nome que ia ter a moeda da CEE-UE antes de chamar-se euro. // 3a.- Grande escritor e pensador, teórico do nacionalismo galego, que abraçou o fascismo após o golpe militar e triunfo fascista; 3b.- Jornalista galego abertzale, perseguido e criminalizado, autor de El Periodista Canalla; 3c.- Urze / Autor transmontano dos Contos da montanha / Livraria de Ourense. // 4.- Germe, causa, origem / Fruto do girassol / Centro social da Corunha. // 5a.- Terra coutada, privilegiada; 5b.- Apelido materno do melhor político galego da segunda metade do século XX, autor do Atraso económico de Galiza. // 6.- Fronte (parte do rosto) // 7.- Tempo que dura a amamentação; acto de mamar. // 8.- Mamíferas carnívoras, felídeos, óptimas caçadoras; 8b.- Espanha na Internet. // 9.- Peticas / tiras as penas (a uma ave). // 10.- Foi Presidente de Portugal (1986-1996) e quer recuncar em 2006. // 11a.- Concelho entre a Terra Chá e a montanha; 11b.- Empresa eléctrica espanhola com umha central térmica nas Pontes. // 12a.- Praça lisboeta com estação dos caminhos de ferro; 12b.- Rio que cruza Fene e desagua no Seixo, Mugaros, na ria de Ferrol. // 13.- Que gosta do entruído ou camaval. // 15a.-

Como diz a canção: (...) nom tem fim, felicidade sim; 15b.- Parque natural nos Pirinéus aragoneses. **VERTICAIS** 1a.- Obra de Cabanilhas e Vilar Ponte sobre Pardo de Cela; 1b.- Qujo cantar no Festival da Canção o “la, la, la” em catalão e foi impedido e censurado, e substituído por Massiel. // 2.- Eritropoietina, dá positivo no controlo anti-dopagem. // 3.- Esboço ou conjunto de anotações de base a um texto ou ideia definitivo. // 4.- Se nom (...), nom petiscas. // 5.- Grande género de plantas, de flor pequeninha, de cor azul e amarela, como a conhecida por nom-me-esqueças. // 6.- Variante brasileira de ‘desporto’. // 7.- Designação comum das larvas de muitos insectos. // 8a.- Vila da Costa da Morte / Agora chama-se “Uniom Europeia”; 8b.- Acto de trapalhona / Burla. // 9.- Propriedade rústica com zona para vivenda e para animais / Extensom de terreno cultivado. // 10a.- Na fala (ao telefone, p.ex.), forma abreviada, popular de “estou”; 10b.- Árvore e madeira escura, pesada e muito resistente. // 11.- Canção, hino das/os trabalhadores, que tem várias versom em galego. // 13a.- Bonita vila do Pirineu navarro, no caminho de Santiago, pola qual passaram Carlos Magno, e Roland (Rolând) e seus 12 pares derrotados pelos vascons. // 14.- Acontecimento calamitoso como o do Prestige, Mar Egeu, ... (plural). // 15.- O maior rio do mundo, delas no Caraminhal, Trives, Brolhom ou Vazim e Lanhoso...

DESCOBRE O QUE SABES..., por Salva Gomes.

1. Onde existiu a 'Ditadura dos Generais'?
- Turquia - Grécia - Prússia
2. Quem escreveu uns apontamentos jornalísticos sobre R. De Castro, P. Bazán e C. Arenal?
- Fidel Castro - José Martí - Salvador Allende
3. Quem diz: "Deus morreu, Marx morreu e eu mesmo nom me sinto nada bem"?
- Charles Chaplin - "Cantinflas" - Woody Allen
4. Qual é a maior nação sem estado?
- Curdistão - RASD Saraui - Chechenia
5. De quem é o trabalho político-musical: *Filosofia da Acção da Guerrilha Urbana*?
- Nen@s da Revolta - Xenreira - Skármio
6. Entre que anos morre o guerrilheiro antifranquista galego José Castro Veiga 'o Piloto', assassinado pola Guarda Civil na barragem de Belesar?
- 1945-1947 - 1954-1956 - 1963-1965

(Soluções na página 17)

taberna boémia
beira-mar, 16 corunha

O Alface
CAFÉ
Campo da Lenha, 20
CORUNHA

CASA DAS
CRECHAS
Via Saera, 3 - 15704 Compostela
info@casadascrechas.com

abastos
zona velha - compostela

LIVRARIA
SISARGAS
Rua Carlos Fernández
15002, A CORUÑA
TEL. & FAX 981.200082



| IGOR LUGRIS | ESCRITOR |

“O Estatuto de Autonomia deve reconhecer a existência de territórios *estremeiros*”

NATÁLIA GONÇALVES / Nascido em Melide em 1971, Igor Lugris é um poeta comprometido com a sua realidade lingüística. Trabalha no Berzo para que o galego seja reconhecido como língua de pleno direito a todos os efeitos e assim ficar incluído no mapa lingüístico da Galiza. Tem publicado numerosos poemas e artigos em diferentes revistas, assim como vários livros poéticos. Igor é integrante de Fala Ceive, umha organização cultural que defende a sobrevivência do galego além das fronteiras administrativas. Desta meritória associação quigemos saber um pouquinho mais e fomos falar com ele.

- Quando nasce Fala Ceive e com que objectivos?

Em 1998, quando un grupo de alunas e alunos do liceu ponferradino Álvaro de Mendanha se mobilizou para exigir aulas de língua galega. Perante a negativa da direcção do centro, un grupo decidiu organizar-se e mobilizar-se para reivindicar os seus direitos lingüísticos e promover a criação de aulas de língua galega noutros centros educativos da comarca. Assim nasceu Fala Ceive, com o objectivo de espalhar a conscienciação em defesa da nossa língua em diversos campos.

- Que actividades desenvolve?

De tipo cultural, como podem ser a comemoração do Dia das Letras no Berzo, apresentações

de livros, recitais de poesia, conferências, etc., e muito especialmente, a doação de livros na nossa língua a diversas bibliotecas públicas do Berzo. Também actividades relacionadas com o ensino, promovendo entre os centros escolares a inclusom da língua galega. E por último, realizamos actividades mais reivindicativas, como os contactos com as instituições e partidos políticos para promoverem a defesa e promoção da língua galega do ponto de vista institucional, como foi o caso do reconhecimento do galego no Estatuto de Autonomia de Castela e Leom em 1999, ou os contactos com o Conselho Comarcal do Berzo para que se implicasse decididamente na defesa da nossa língua e cultura,

coisa que estamos a conseguir. Estes contactos tenham incluído também o Parlamento espanhol, as Cortes de Castela e Leom, o Parlamento europeu, muitos dos concelhos berzianos, a CRTVG, partidos e instituições da CAG, etc... Ao mesmo tempo, procuramos fornecer de informação sobre a realidade galega no Berzo aos meios de comunicação.

- Quais som as vossas reivindicações lingüísticas e territoriais?

Quanto à língua, as nossas reivindicações resumem-se no reconhecimento dos nossos direitos lingüísticos, individuais e colectivos, ao mesmo nível que poda ter qualquer outro cidadão ou cidadá da Galiza administrativa. Nesta reclamação, o ponto mais importante é o reconhecimento legal do galego como língua oficial no Berzo. Do ponto de vista territorial, temos que dizer que esse é un aspecto que ultrapassa as possíveis reclamações de Fala Ceive, mas estamos conscientes de que só com o impulsionamento da comarcalização do Berzo, reconhecendo-se-lhe plenamente a existência e o direito a se

autogovernar, poderemos avançar no caminho da dignificação do galego. Mas as instituições provinciais e autonómicas e os seus responsáveis, venham de Leom ou venham de Valhadolid, nom tenham realmente interesse em avançar por esse caminho.

- Qual é o lugar para o galego do Berzo no próximo Estatuto galego?

O Estatuto de Autonomia deveria reconhecer expressamente, por um lado, a existência dos territórios 'estremeiros', ou da Galiza 'irredenta', como componentes históricos da nação galega, e o direito a se reintegrarem no seio da Galiza se assim o decidirem. E, por outro lado, deve haver un muito maior compromisso político com a defesa e promoção da cultura galega, passando das palavras aos factos. De nada serve tudo o que sobre os territórios do Eu-Návia, o Berzo, e a Seabra se diz no Plano de Normalização Lingüística, se nom som dados passos, desde já, para isto se cumprir. O que sobram som declarações de intenções, o que falta é decisom política.

Português no ensino?

◆
LUÍS F. FIGUEROA
◆

Diferentes pessoas e entidades temos reclamado durante anos a aprendizagem generalizada de português e da cultura portuguesa na secundária. É possível que esta reivindicação poda agora converter-se numa realidade. Algumas pessoas estão a introduzir ao respeito un debate muito interessante que dará com certeza os seus frutos, debate que tentarei simplificar na seguinte pergunta: Português para quê, se já se poderia aprender (corrigindo a sua actual orientação no ensino) através do galego?

É evidente que a posição reintegracionista, e o galeguismo histórico, teve e temos essa orientação, isto é, reintegrar os falares e cultura galega dentro da Lusofonia. Agora bem, este nosso movimento nom ocupará, nos próximos anos, nenhuma quota de poder nas instituições que regulam a língua e orientam o seu futuro.

Por isso, do meu ponto de vista, parece un erro condenar os nossos cidadãos à espera indefinida de uma resolução do conflito da língua para poder aprender desde já português correctamente.

Sermos falantes de galego como língua materna é un privilégio para aprendermos português standard sem dificuldade. Mas dificultar a aprendizagem do português real e oficial, como mais uma matéria nova, por considerarmos o actual galego escolar como válido seria un erro de grande magnitude.

Sobretudo quando o actual galego se encontra tam espanholizado que é difícil de defender socialmente. O português é galego, mas nom todos os "galegos" que se usam som portugueses. Pensemos na fala do presidente Tourinho ou da famosa Paula Vázquez.